

REPORTER

Rio, maio de 1978 — NUMERO 6 — Cr\$ 10

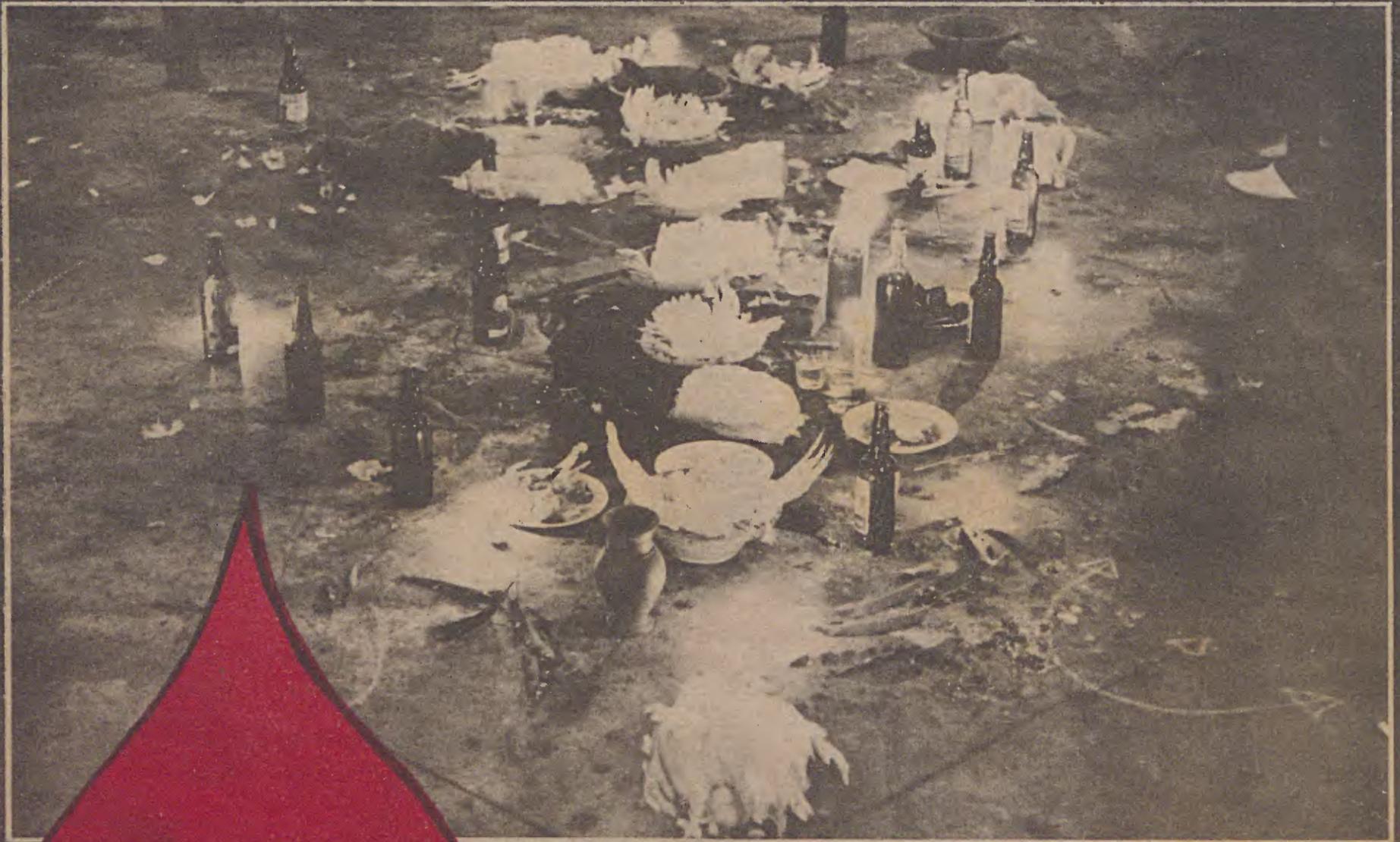
CLASS. Compl. 1
Duplicata

AUTONOMO INDEPENDENTE

TAMBÉM FIZEMOS UM

DESPACHO

p. 24 Leia o do ministro na p. 2



**CRIANÇAS
REVOLTADAS**
P. 12 a 17

MARIEL
"MATEI MAIS
DE 300"

P. 4 e 5

Nas últimas semanas, **REPORTER** recebeu uma tremenda descarga. Coisas feitas vindas de Brasília, do Rio. Críticas, demandas e desfeitas. Uma barra muito pesada. Vocês acompanharam, ou pelo rádio, ou pelos jornais, ou por ouvir dizer. Na verdade, tivemos muitas atribulações e andanças.

O fato é que não nos deixamos abater. Enfrentamos todos os contras e nos defendemos com as armas que dispomos. A principal delas, que guardamos com garra, é a nossa consciência livre.

Consciência de que estamos fazendo um jornal de crescente aceitação popular tanto pelo seu caráter, veracidade, dinamismo, quanto pela sua criatividade e linguagem. E, de maneira inseparável, a consciência de que somos responsáveis pelo jornal. Responsáveis diante do leitor, dos fatos, dos críticos, da Lei e da arbitrariedade.

Felizmente contamos com ajuda. Em nossa luta estão os que defendem a liberdade de expressão. Daí a apreensão do **REPORTER** ter alcançado tamanha ressonância. Todo mundo gritou e nós muito mais ainda. Mas, contra os pensamentos malignos que intentam dar vida curta ao nosso jornal, contra esta tremenda descarga, apelamos para poderosa defesa, fizemos nosso primeiro despacho.

O DESPACHO DO MINISTRO

DESPACHO DO MINISTRO

Proc. MJ — 16.735-78 — Confirmo a ordem verbal ao Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal e determino, com base no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional (Decreto-lei número 898, de 29 de setembro de 1939), a apreensão dos exemplares do Jornal "Repórter", número 5 de abril de 1978 bem como a suspensão de sua impressão, circulação, distribuição e venda, no território brasileiro. Dê-se ciência do presente despacho ao Procurador-Geral junto à Justiça Militar, para as providências legais cabíveis.

Publique-se.

Brasília, 17 de abril de 1978. — Armando Falcão, Ministro da Justiça.

DESPACHE CONOSCO

Fiquei perplexo com a apreensão do número 5 do **REPORTER** e com as pressões que o jornal vem sofrendo. Por isso, despacho com vocês, na esperança de que ele possa circular livremente.

NOME.....
 IDADE.....
 PROFISSÃO.....
 CIDADE..... ESTADO.....

Envie para **REPORTER** - r. Miguel Couto 134, 11º
 Rio de Janeiro - CEP 20000 - RJ

Em função da apreensão do número passado (32 páginas), somos forçados a manter o aumento do preço para 10 cruzeiros, o que explica mas não justifica.

SAO PAULO (REPORTER) - A REVISTA REPORTER TRES NAO TEM NADA A VER COM A GENTE.



REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrella (Arte).
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz.
REPORTAGEM — Eduardo Homem (Recife), Tim Lopes, Marcos Dantas, Telmo Wambier, Ivan Maurício, Maria Teresa Bustamante, Yacy Nunes Soares, Clarice Niskier, Rita Costa, Licínio Azevedo, Tânia Celidônio, Maria Helena Passos, Clodoaldo Lobo, Gisela Bisordi, Raquel Moreno, João de Barros, Carlos João, Daniel de Carvalho, Ronaldo Herdy, Fabiola de Oliveira, Eduardo Serra, José Antônio Nonato, Edison Rezende Filho, José Louzeiro, Paulo Fortes, Ivone Parente, Clea Nudelman, Cristina Catalano.
CORRESPONDENTE — Paulo D'Alcântara (Paris).
FOTOGRAFIA — Alcyr Cavalcanti, Maurício Leite, Gilson Barreto, Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Cristina Villares, Armando Rozario, Juca Martins, Eliane Pastore,

João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Túlio Lopes Mariane, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçalves, Ricardo Giraldez, Amâncio Chiodi, Luz Bittar, Custódio Coimbra.
ILUSTRAÇÃO — Elvira Vigna, Lapi, Jaime Leão, Angeli, Jota.
ARTE — Maurício Veneza, Glória Jean, Dionísio Bezerra.
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Telefone: 253-5038. Rio de Janeiro.
 São Paulo — Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31. CEP 01224. Diretor: César Arruda Castanho.
 Recife — Representante — Editora Alternativa — Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 330.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.
 Impressão e composição — Editora Mory. Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002 (PABX). Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Vara de Registro Público — Aut. 4456
 Fotos Mariel agência Globo Entrevista do Suplemento Infantil: Clodoaldo Lobo, Gisella Bisordi, Clea Nudelman.



Michilini Jr.
Paulo Helal
José Eduardo
Doca Street
Michel Frank

Ilustração de Lapi

VÍTIMAS PAGAM POR SEUS ALGOZES

AQUI COMEÇAMOS A SANGRAR: OS CRIMES NÃO SÃO RESOLVIDOS. SUSPEITOS FOGEM,

NEGAM, ESCONDEM-SE OU DEIXAM PASSAR O TEMPO. MICHEL FRANK, DOCA STREET

E OUTROS ESCAPARAM. SÓ PÉ INCHADO FICA MOFANDO NA CELA, VENDENDO O SOL QUADRADO.

Dia 18 de maio completou cinco anos que a menina Aracelli Cabrera Crespo foi morta por alguns maníacos, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Os principais acusados, que eram dois, agora seriam três: Paulo Helal, Dante Michelini Jr., José Eduardo. O primeiro implicado é filho do sr. Constante Helal e os dois últimos de Dante de Barros Michelini.

De tanto esperar por uma solução da justiça brasileira, as testemunhas já não sabem mais o que dizer. E cada vez que repetem uma história iniciada em maio de 1973, são praticamente ridicularizadas pelos advogados dos acusados, sob a alegação de que "sofrem de idéia fixa".

Verdadeiramente, chegou-se ao perigoso terreno da galhofa. A ironia no caso Aracelli funciona como autêntica cusparada na cara de todos os familiares da pobre menina, além de ser cusparada na cara de uma cidade, de um país inteiro. Matou-se a menina, como se têm praticado outros assassinatos, e vai tudo ficando por isso mesmo.

Gabriel Sanches, pai de Aracelli, não é rico. É técnico em eletricidade e luta com dificuldade. E tem bastante dignidade para não se queixar da sorte. Não tendo dinheiro, não consegue que se faça justiça para sua menina, brutalmente assassinada.

Depois de tantas mexidas, tantas afirmativas e negativas, eis que novamente o chamado "Caso Aracelli" enalhou. Os implicados estão tratando da vida, dona Lola (mãe de Aracelli) não quer muito comprometimento, o deputado Clério Vieira Falcão cansou de denunciar, o perito Asdrúbal de Lima Cabral terminou sózinho na arena.

Agora, pelos tantos anos que se passaram, e pelas tantas provas que sumiram dos autos do processo, a coisa está perto de transformar-se numa grotesca comédia. Se isso acontecer, seguindo o curso de toda comédia que se preza, os matadores de Aracelli serão facilmente identificáveis. Os advogados que funcionam na defesa dos acusados não terão dúvida em apontar como matadores o perito Asdrúbal de Lima Cabral, o sargento Homero Dias, assassinado em 1975, o jovem

Fortunato Piccin, misteriosamente morto logo em seguida e Carlos de Melo Éboli, que morreu no Rio de Janeiro em 1976.

Isso daria matéria sensacional, os jornais concluiriam rapidamente pela alta periculosidade de Éboli e Asdrúbal de Lima Cabral, os pais dos inocentes Paulino Helal e Dantinho Jr. mandariam fazer outra festa e estaria tudo terminado.

Mas, ao que parece, nossa posição jurídica é tão cômoda, que ninguém está preocupado com nenhuma saída. Não se tem de dar satisfação alguma, a quem quer que seja. Os rapazes estavam querendo matar a menininha, mataram, e daí? Quem tem alguma coisa a ver com isso? Afinal, Ana Lúcia não morreu da mesma forma em Brasília? O que foi que aconteceu com os envolvidos? Nada. Absolutamente nada.

Ora, e por que acusar o pobre do Paulinho e do Dantinho, se Michel fez o que fez e está tomando os bons ares da Suíça? Se Michelzinho pode matar uma garota, por que os play-boys de Vitória não poderiam? E, além de Michelzinho, por que Doca

Street acabou com Ângela Diniz e os garotinhos de Vitória não poderiam fazer o mesmo?

A essa altura se tem de concordar que os rapazes capixabas estão certos. Afinal, nem mataram direito Aracelli. Ela que resolveu morrer no embalo. Já a Cláudia Rodrigues não. Morreu na base da porrada e, não satisfeitos com isso, os bandidões a arrebataram com aquela garrafa de cerveja. Vejam só. Paulinho e Dantinho não fizeram isso. Não são chegados a garrafas. Se jogaram o ácido sobre o corpo de Aracelli, isso foi depois. A menina já não sentia nada.

Não resta dúvida de que, entre a brutalidade do caso Aracelli e a brutalidade do caso Cláudia Rodrigues, Michelzinho está ganhando a dupla de Vitória de pelo menos 5 a 2. O caso Ana Lúcia nem é bom falar. Aconteceu lá por dentro do cerrado, na distante Asa Norte, em Brasília. De mais a mais o caso é bem demais antigo que o de Aracelli, por que falar dele? Isso mesmo. Vamos deixar Ana Lúcia de mão.

E, assim, nesse deixar de lado, deixar de mão, foi se

criando, neste país, um profundo sentimento de injustiça. Os humilhados e ofendidos fazem filas de dobrar quarteirão, enquanto os trêfegos delinquentes riem da sua cara de tristeza. Até quando podemos manter esse estado de total desrespeito à pessoa humana? E na hora "H" como reagiremos? Vamos chamar os vingadores de bandidos ou de terroristas, como está acontecendo na Itália; vamos achar que meia dúzia de marginais quer dominar a sociedade pela força, ou vamos nos lembrar dos desmandos, da justiça que não se fazia, da corrupção que florescia, da miséria que se institucionalizou?

Estou certo de que nesse dia não vamos ter muito tempo de recordar. A serpente que devora os filhos devorará a qualquer um. Ela está crescida, move-se com desenvoltura e repelência. Falta apenas que ganhe bastante força, a fim de romper as traves que a estão contendo. Quando isso acontecer, pobre dos manipuladores da Justiça, dos empulhadores, dos criminosos de toda espécie.

JOSÉ LOUZEIRO



QUEM DIRIA! **MARIEL NEM SABE QUEM É MORETTI**

REPORTER — No filme "Lúcio Flávio," o policial Moretti protege Lúcio em troca de dinheiro. E dizem que esse Moretti é você. O que você acha do Moretti?

— Acho o Moretti um canalha, um crápula, um homem desmoralizado, que tem como intuito denegrir todo o nome da polícia carioca.

REPORTER — Então não existe um policial como o Moretti?

— Que eu conheça, entre todos os policiais do Estado, não existe nenhum que se compare ao Moretti. Isso sem nenhuma pichação ao ator Peréio, que afinal de contas é um ator que eu admiro.

REPORTER — Quer dizer que não existe nem nunca existiu um Moretti na polícia?

— Não existiu este Moretti, de forma nenhuma. Vamos dizer o seguinte: o Moretti, pelo que eu sei do filme, conhece o Bechara (outro personagem do filme, que prende Lúcio Flávio). Então, se este Bechara prendeu o Flávio é só fazer um retrospecto dos policiais que prenderam o Flávio na vida real. Então vocês poderão identificar o Bechara. E o Bechara poderá identificar o Moretti. Então vamos ver...

REPORTER — Quer dizer então que o Moretti existe?

— Se ele existe, somente o cara que prendeu Lúcio Flávio, o Bechara do filme, pode identificá-lo.

REPORTER — O Moretti é apenas o personagem de um filme. Na vida real não existiria mesmo um policial como ele?

— Pelas diversas reportagens que eu leio, eu chego à conclusão de que o Moretti seria a reunião de todas, vamos dizer assim, modalidades de corrupção, calcada em cima de um personagem, entende? Então escolheram um personagem e colocaram todas as irregularidades policiais, se é que elas existiam, e nomearam Moretti para representá-la.

REPORTER — Mas o filme não denuncia apenas a corrupção do Moretti. Denuncia também o Esquadrão da Morte, certo?

— Sim, mas o Esquadrão não existe, na verdade.

REPORTER — Mas e os corpos que aparecem todo dia na Baixada Fluminense?

— Sim, eles aparecem. Mas até agora não se disse que é o Esquadrão. Isso é um modo de sensacionalismo, de



**MARIEL MARISCOTT DE MATOS FALA
PELA PRIMEIRA VEZ SOBRE "LUCIO
FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA", E
GARANTE QUE ELE NÃO É O POLICIAL
CORRUPTO DO FILME. DIZ QUE JÁ
MATOU MAIS DE 300 PESSOAS E ACHA
A POLÍCIA DE SÃO PAULO MAIS SÉRIA
QUE A CARIOCA, POIS ELE ESTÁ PRESO
E O DELEGADO SÉRGIO FLEURY NÃO.
AMBOS SÃO ACUSADOS DE HOMICÍDIOS
DO FAMIGERADO ESQUADRÃO DA MORTE.**

vender jornais, de vender a notícia.

REPORTER — Peraí, Mariel. Afinal, eles são mortos por quem?

— Por alguém... Imagine se eu, que sou acusado de três crimes de morte, fosse o autor de todos esses crimes. Depois que eu fui preso, já morreram mais de duzentas pessoas. Antes de eu entrar na Polícia, já havia morrido muito mais de duzentas.

REPORTER — Alguns repórteres de polícia afirmam agora que não existe mais um Esquadrão, e sim que a Polícia seria hoje um imenso Esquadrão. Tá todo mundo matando.

— **El Matador...** Bom, se isso acontecesse eu não seria contra não. Eu não seria contra porque eu acho um absurdo um marginal tirotear com a polícia a troco de nada. Um absurdo, entende? Sinceramente, se existe o Esquadrão, é um mal necessário.

REPORTER — Vamos falar agora de Lúcio Flávio. Você conheceu ele?

— Não, realmente não conheci o Lúcio. Conheci o Fernando C. O. (membro do bando de Lúcio e o único que sobreviveu. Atualmente está preso).

REPORTER — Depois do filme, o Lúcio virou uma espécie de herói nacional. O que você acha disso?

— Um herói que só está fazendo espalhar o câncer na nossa sociedade. Fazendo com que os jovens ainda inexperientes, ainda sem personalidade formada, sigam o bom exemplo de um crápula, um canalha.

REPORTER — Mas o Lúcio não era um bandido comum, um pé-de-chinelo.

— Ele me pareceu um pé-de-chinelo. Então você vê: um bandido que assalta, faz misérias, e depois entrega o dinheiro na mão de outro cara só porque esse cara é policial, pra mim ele é pé-de-chinelo. Pilantra, frouxo. Se ele fosse um bandido de verdade, ele não faria um negócio desse.

REPORTER — Então quer dizer que esse tipo de trato com a polícia não existe.

— Não existe, em absoluto. Dizem que o Moretti seria o Mariel, não é isso? Mas eu provo que não conheci o Lúcio. É o próprio Fernando C.O. quem diz num de seus depoimentos: "O

Lúcio me pediu uma vez que eu mostrasse o Mariel a ele, o Lúcio queria conhecê-lo. O Mariel estava em frente a uma boate e então o Flávio quis matá-lo com uma Winchester e eu não deixei porque não sou dado a assassinatos". Então você vê: por que o Flávio queria me matar? Por que eu o protegia? Não, era porque eu o combatia. E eu era conhecido como policial matador. Matador sim porque eu não deixava bandido atirar em mim sem atirar nele. Dei voz de prisão, atirou em mim, eu matava. Não tenha dúvida.

REPORTER — Vamos esquecer que você foi acusado de ser o Moretti. Assim, sem nenhum envolvimento pessoal, o que você acha dele e do Lúcio Flávio do filme?

— Eu acho que o diretor do filme quis subverter a ordem do país. Eu me admiro muito, num país onde houve uma revolução para moralizar isso, que essas coisas venham acontecendo. Imagine que a Secretaria de Segurança cede viaturas, o precioso combustível da nação, metralhadoras, policiais os bancos a serem assaltados durante as filmagens, fornecem prisões para que eles completem o filme. E essa administração, que forneceu tudo isso, tem seu nome denegrido por um diretor que vem fazer uma tremenda baderna no nosso país. Quer saber de uma coisa? Os chefões da polícia carioca são todos uns bunda mole.

A mulher do Liece tinha um amante da polícia

REPORTER — Quer dizer que a Polícia nunca pode ser denunciada?

— Não eu não digo que não possa haver maus policiais. Eu posso, inclusive, ser considerado um mau policial porque estou respondendo a um processo. Mas o que acontece comigo não pode ser extensivo aos outros policiais.

REPORTER — A frase fundamental do filme é quando o Moretti diz ao Lúcio Flávio que bandido e polícia é tudo a mesma coisa.

— Eu acho que isso é uma forçação de barra, que jamais poderia acontecer. Vamos dizer que existisse esse Moretti. Poxa, ia chegar uma hora de acabar com a raça de um pilantra como o Lúcio Flávio. O desafio seria os dois se entenderem tão bem, entende? O maior desafio do filme é quando eles mostram o Lúcio peitando o Moretti, impondo à Polícia o que ele queria. Isso eu não entendo. Se um bandido me peitasse daquele jeito, eu teria acabado com ele. E te digo outra coisa. No filme, a mulher do Liece (membro do bando de



Mariel em juízo



Mariel na cadeia

Lúcio Flávio) é amante do Moretti. Na verdade, existiu um policial que depois passou a viver com a amante do Liece. Ele era da Delegacia de Roubos e Furtos.

REPORTER — Quer dizer que tinha outro policial na jogada?

— Não, eu não sei se ele estava na jogada, mas com a mulher do cara ele estava.

REPORTER — E quem é esse policial?

É o delegado Carlos Alberto. Não acredito também que ele seja o Moretti.

REPORTER — Por que você reagiu tanto ao filme, se em nenhum momento o nome Mariel é citado?

— Eu tenho recortes do Babenco (diretor do filme) dizendo que Moretti é Mariel. Eu tenho esses recortes desde 77. Você vê que esse negócio não é de agora. Eu não tomei pra mim o nome de Moretti, não. Houve uma entrevista, no dia 27 de fevereiro, na TV Globo, e eles covardemente incineraram o filme, entre outras e outras provas. A propaganda que eles estão fazendo com o meu nome é negativa. Por causa dela, eu já fui até convidado para fazer um filme italiano. Nesse filme eu deveria fazer o papel do Moretti, contando toda a história com relação a Lúcio Flávio e as outras pessoas que me cobriam.

REPORTER — E você vai aceitar esse filme?

— Não, não quero fazer porque a história não é verdadeira. Eu também já fui convidado pelo Lívio Bruni para fazer um filme, rebatendo todas essas acusações contra a polícia.

REPORTER — E esse filme, você faria?

— Bom, não sei. Depois que tudo isso for esclarecido, aí sim, eu posso dizer toda a verdade, que é clara.

REPORTER — Você acha que denunciando o mau

policial se está protegendo o bom policial?

— Denunciando os maus policiais, se estaria elogiando os bons policiais.

REPORTER — Mas o filme não é uma denúncia do mau policial?

— É, mas eles não dizem quais são os bons policiais.

REPORTER — Mas tem uma cena lá com a Polícia Federal, insinuando que ela é honesta, correta...

— Por que você acha que eles não falaram mal da Polícia Federal? Porque a Polícia Federal é que censura o filme. Ora, isso é muito gozado. Ou você acha que só tem honesto na Polícia Federal e só tem desonesto na Polícia Estadual?

REPORTER — Você está condenado e preso. O que você acha, por exemplo, da posição do delegado Fleury?

— Privilegiada, mas justa. Não acho injusta não. É um homem que fez tudo o que eu fiz e está tendo a oportunidade de mostrar o quanto é útil à sociedade.

Policia! é o que vai pra luta; se mata é consequência

REPORTER — Mas, no caso, não seriam dois pesos e duas medidas?

— São dois pesos e duas medidas. Mas isso é porque em São Paulo existem homens com mais coragem do que no Rio.

REPORTER — Quais seriam esses homens?

— Aí eu falo de homens de cima mesmo, né? Homens que têm culhão roxo, que sabem que existe o mal necessário, homens que sabem que a polícia não pode viver apenas de burocratas.

Bom policial é o que vai pra luta, que vai pra guerra, que troca tiro com bandido e que, se mata, é consequência.

REPORTER — O que você acha da Lei Fleury, feita só para ele?

— Isso até pega mal para a Justiça. A lei entrou em vigor e beneficiou o Fleury e também o Doca Street. Todos nós deveríamos ser beneficiados por ela.

Gostaria de estar solto que nem o Sérgio Fleury

REPORTER — E por que não foram?

— Porque existem dois pesos e duas medidas. Mas graças a Deus o Fleury não está preso. Gostaria de estar solto, na situação dele e, ainda mais, trabalhando com ele. Se me derem a chance de ficar solto e combater novamente a criminalidade, eu lutarei com o mesmo ímpeto que lutei dez anos atrás. Se tivesse que matar, mataria novamente.

REPORTER — E o bandido que é morto depois de retirado da prisão?

— Aí, não... É covardia. Eu já matei diversos, mas não tirando ninguém da prisão. Mato e fico no local. Tenho dois crimes assim e fiquei no local. Poderia muito bem ter abandonado os corpos em qualquer lugar. Mas os dois foram morrer no pronto-socorro. Já matei mais de 300. Mas só safado.

REPORTER — E os presos políticos?

— Isso é questão de ideologia. Respeito a ideologia

de cada um. Se eles acham direito combater o que eles acham que está errado, eu acho que eles estão certos.

REPORTER — E a anistia?

— Eu acho que deveria existir anistia para os presos políticos. Porque é a ideologia. Mas os terroristas, acho que era botando no pelotão e ir fuzilando. Eu sou assim.

REPORTER — Os defensores do Esquadrão afirmam que ele existe porque a Justiça é lenta. Por isso, é preciso matar bandidos.

— Não, pera aí, ela é lenta pra me julgar também. Afinal, eu estou preso há sete anos e estou com três processos para serem julgados ainda. E não é porque a Justiça é lenta que devemos matar bandidos, ou a polícia deva matar bandidos. Pelo contrário, eu acho que a nossa Justiça deve organizar um sistema penal que recupere os bandidos presos. Você vê: atualmente, a cadeia é o único lugar onde esses caras podem comer e dormir sossegados.

REPORTER — Você disse que está preso há sete anos.

— Bem, há sete anos, mas eu andei tirando umas férias! A última vez que entrei foi em abril de 76. Mas agora estou tranquilo, não estou mais no meio de marginais, estou tendo um tratamento condigno, que todos os presos deveriam ter. Estou com expolíciais, com engenheiros, economistas, numa prisão especial onde cada um tem seu cubículo. Nos lugares onde eu estava, eu ficava junto com vinte, trinta homens na mesma cela, dos quais quatro ou cinco eu mesmo tinha prendido. Assim não era possível.

REPORTER — A Última Hora disse que você ia matar o Hector Babenco.

— Isso é mentira. Eu estou preso, como é que eu vou fazer isso? Isso é interpretação do repórter. Eu disse o seguinte: se perdesse em todas as instâncias no processo que movo contra o filme e contra o Babenco eu deveria, deveria, eu frisei bem, agir como agiria o Moretti, criado pela mente vil e maldosa do Hector Babenco.

REPORTER — E agir como?

— Como é que o Moretti ganhava uma grana no filme? Tomando o dinheiro e não matando o cara. No filme ele não mata ninguém. Eu ia tomar uma nota do Babenco ou metia porrada nele, fazia uma coisa qualquer. Agora, se ele morresse, eu também não ia ficar muito triste, não.

REPORTER — Morresse como?

— Atropelado, com uns tiros na cara...

EDISON REZENDE FILHO

ELES INVENTAVAM DE TUDO PARA VENDER O "CORREIO DO PLANALTO" EM BRASÍLIA MENINA-ANJO, TARADO, CRIOULO-VOADOR. VALIA TUDO PARA GARANTIR O SUSTENTO DA REDAÇÃO, MAS

O JORNAL ACABOU QUANDO O CHEFE PROIBIU BEBER DURANTE O TRABALHO. ESTA ENTREVISTA FOI FEITA COM DOIS DOS EDITORES E PUBLICADA NO NANICO "CIDADE LIVRE", DA CAPITAL.



A tiragem voava com a menina-anjo

Extraído do C. Livre

Murilo Murça — O primeiro grande monstro que apareceu no *Correio do Planalto* foi o tarado do opala amarelo, em termos de prestígio e de venda. A estória surgiu de uma menina do Gama (cidade satélite de Brasília), que era cantada todo dia, na saída da escola, por um sujeito que tinha um opala amarelo. Ela contou isso para o Teixeira, colega nosso do jornal, que chegou na redação, bêbado, contando o papo, e daí resolvemos criar o "Tarado do Opala Amarelo". Aliás o jornal foi bem até que resolveram tirar as garrafas de cachaça. Quando o velho Seabra, diretor de redação, resolveu acabar com a cachaça, o jornal afundou.

O "tarado" era um cara inofensivo. Na verdade, era uma simples ameaça. E como simples ameaça, podia crescer à vontade. A repercussão foi inesperada porque o espírito da coisa era de total esculhambação, de fazer esporro. Valia tudo. O CP não tinha assinatura e todo dia havia uma aferição imediata da vendagem, o que era acompanhado por todo mundo. Tudo que entrava era logo consumido em salário e va-lês.

Pergunta — Mas como foi a criação do mito?

Murilo — Toda matéria nascia ou da imaginação ou de um fato real. Depois, era só tomar depoimentos na rua. Quando saiu pela primeira vez, o Teixeira foi lá no Gama e mostrou o jornal para a menina. "Tá vendo, o tarado não vai mais de perturbar." E tirou também o retrato dela, para publicar no dia seguinte. Ele encontrou também uma bicha conhecidíssima no Gama, cabeleireiro, que "ainda não tinha encontrado o tarado, mas gostaria muito."

Mário Eugênio (Marão) — A bicha disse que tinha um grande desejo de manter relações sexuais com ele, e imaginava que o tarado do opala amarelo devia ser muito legal pra dar uma transada...

Murilo — Por sinal, o Gama era o nosso maior mercado, e o primeiro monstro nasceu lá. Isso nos ajudou muito. Inclusive pegávamos muitas meninas de lá para a foto de mulher pelada na primeira página. Toda edição saía com

TARADO ERA ANJO, MENINA VOAVA E CRIOULO NUNCA EXISTIU

uma foto dessa, com recadinho para algum jornalista, ou um amigo, mais ou menos assim: "tô te esperando," "te amo". A estória teve uma boa repercussão e muitas meninas de lá ficaram preocupadíssimas com o tarado. As mulheres eram o nosso maior público, por incrível que pareça. Elas têm uma tara de ler crime.

Marão — A Secretaria de Segurança Pública chegou a baixar portaria para descobrir quem era o tarado do opala amarelo. O delegado do Gama mobilizou uma série de viaturas e vários policiais para capturar o cara. Todo opala dessa cor que circulava pelo Gama era vistoriado. Levavam o motorista pra Seção de Crimes, pra ver se ele tinha alguma característica de bicha. Para vocês terem uma idéia, no fundo da delegacia chegou a ter de dez a quinze opalas.

Murilo — E o tarado mudou para Taguatinga (cidade satélite), e depois pra Bahia, onde nós tínhamos um correspondente, o Moacir Ribeiro, irmão do Cleber Ribeiro, diretor do CP. Aliás, a dupla era conhecida como

os "Irmãos Metralha". Bem, mas um dia chegou um cara na redação dizendo que o opala era dele e que tinha sido roubado. O Cleber deu um tremendo esporro no cidadão: "qual é a tua, cara? Você tá ameaçando a honra do tarado do opala amarelo?" O cara insistiu. No outro dia, a manchete: **AMEAÇADA HONRA DO TARADO DO OPALA ARARELO, DIZENDO QUE ELE É LADRÃO**. Quer dizer: o tarado podia fazer sacanagem e libidinagem à vontade, mas roubar não.

Nessa altura, a estória já estava cansando um pouco. As empregadas que trabalhavam no Plano já não voltavam à noite para casa, nem pra Ceilândia (outro satélite), nem pro Gama, nem pra Taguatinga, com medo. Então começamos a pensar em matar o tarado, e surgiu a menina-anjo, o segundo e maior monstro que nós criamos no *Correio do Planalto*. Quando lançamos a estória na primeira página, o jornal começou a vender terrivelmente.

Pergunta — Qual era a tiragem?

Murilo — Quando o tarado é a menina-anjo apareceram juntos, o jornal chegou a vender 8.500 exemplares. Vendia mais que o *Jornal de Brasília* (5.500 exemplares), e chegou perto do *Correio Brasileiro*. O CB vendia principalmente para a classe baixa e atingia também a média e a alta. O JBr ocupava a classe A, com noticiário político. E nós do CP apenas na classe baixa. O JBr estava comendo por cima e nós por baixo, o que começou a preocupar o CB. Nunca apareceu tanta manchete de polícia no *Correio Brasileiro* como nessa época. Eles passaram a imitar nossos monstros. Quando criamos o "crioulo voador", eles lançaram o "crioulo-índio."

Pergunta — Quem era a menina-anjo?

Murilo — Ela se chamava Jaqueline. A mãe era lava-deira. O pai era motorista de táxi e saía todo dia às 5 horas da manhã pra voltar uma hora da madrugada. A casa tinha um banheiro, uma ameaça de cozinha, e a sala onde dormia a família: o casal e três filhas. Jaqueline apresentava nítidos sinais de debilidade mental.

Tinha dez anos de idade e devia estar, na época, no primeiro ano da escola, porque repetia sempre. A mãe, mais pirada ainda, induzia a filha à religiosidade. Mas era uma religiosidade muito estranha, muito espalhafatosa. Ela realmente tinha um problema na cuca... e a mãe enfiando aquela espiritualidade na cabeça dela. Ela acabou pegando aquele negócio, aquele palavrado. Passou a falar bíblia, e a mãe a dizer que ela estava recebendo o anjo Gabriel.

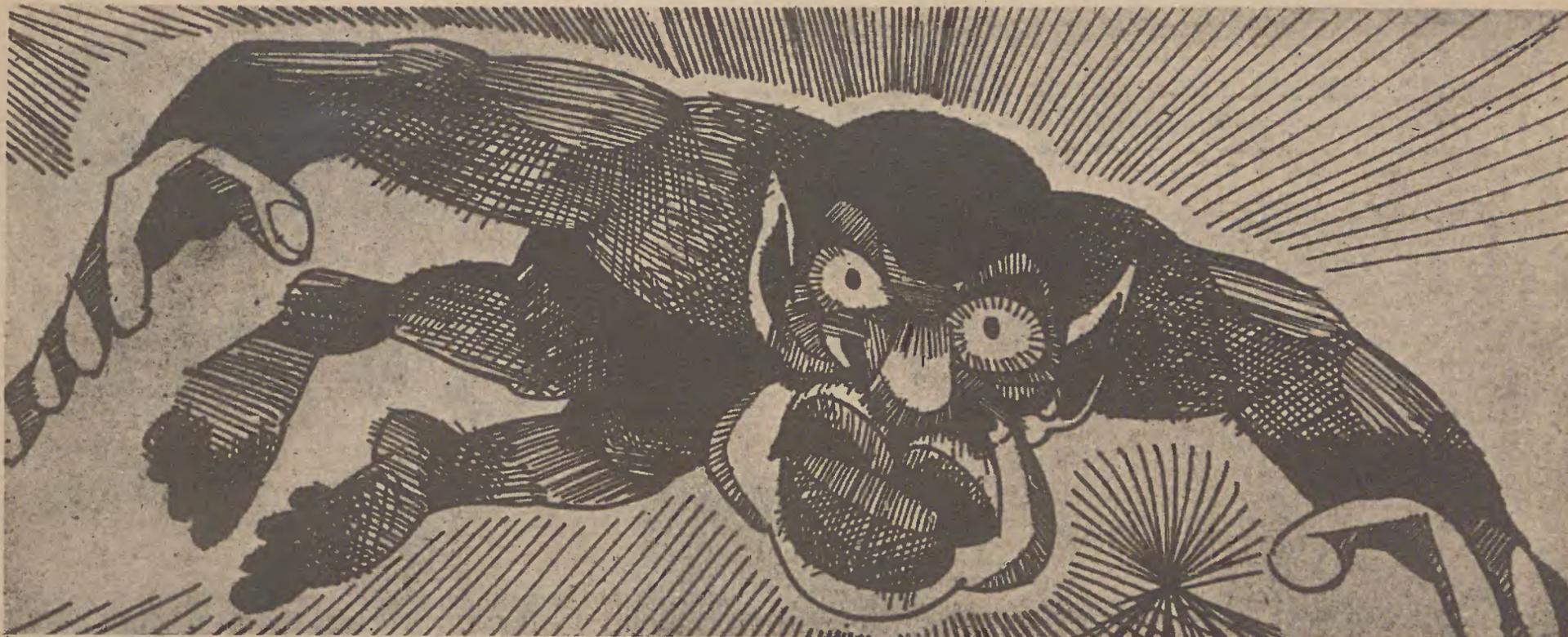
Marão — Uma vez você deu uma manchete em que dizia que o mundo estava perto de acabar, e que todo mundo ia morrer de fome...

Murilo — A primeira manchete da menina-anjo foi justamente esta: **MENINA ANJO ANUNCIA O FIM DO MUNDO**. E, embaixo, o tarado do opala amarelo. Eu apelava, quer dizer: ela tava naquele lance místico, e eu incentivava: "Você tem uma missão a cumprir na vida, de difundir a visão de Deus." E ela rezava: "Aleluia, Aléluia". A mãe sempre comandava o espetáculo. Nessa altura, ela já havia incorporado o anjo. Começou a aparecer uma multidão de crentes. A menina-anjo dizia que o mundo ia acabar muito breve, que tudo estava perdido. Daí a estória foi se desenvolvendo. Na segunda fase, ela começou a fazer milagre.

Pergunta — la muita gente na casa da menina?

Murilo — A família parou: só faziam adorar Jaqueline. Até o pessoal do bairro. E começou a chegar gente. Ela passou a usar uma túnica branca de cetim e a fazer curas por sugestão. Vinha gente de Minas Gerais, do interior de Goiás etc. Ela botava a mão na cabeça da pessoa, chacoalhava, aquele ritual crente de exorcismo, e curava um pequeno mal-estar, dor de cabeça etc. E a gente divulgava esses falsos milagres, através de depoimentos. A mãe de uma criança por exemplo, falava: "Ela curou a dor de cabeça da minha filha." Ou então: "eu estava muito mal e ela resolveu meu problema". Ou ainda: "Ela trouxe meu marido de volta."





O crioulo num original de Siroba

Pergunta — Como foi a procissão?

Murilo — Foi num dia muito ouriçado. Não me lembro quem convocou as pessoas, mas acho que foi o nosso motorista. A procissão foi num sábado. Era o dia sagrado, quando a menina-anjo ia mudar o mundo. Antes da saída eu distribuí umas coca-litro. Criança, anjo ou não, gosta muito de guaraná e coca-cola... e vai à peregrinação. Teve até batismo. Jaqueline já estava de anjo, quando teve vontade de mijar. Fizeram uma seleção para ver quem ia proteger o anjo mijando, eu fui. Não é qualquer um que pode ver anjo mijar. Mas, nessa altura, eu já estava matando a menina-anjo, já tinha um plano de acabar com ela. Estava de saco cheio de ir até Planaltina. Fiz então uma matéria com depoimentos de

outras religiões, todos contra ela. A menina anjo estava a caminho da extinção.

Pergunta — Mas que tipo de mudança ocorria em Jaqueline quando o anjo baixava?

Murilo — Quase nada. Ela mudava as preocupações. Mas, voltando ao processo de extinção, procurei o juizado de menores, psicólogos, para ver se alguém tomava alguma providência. Foi quando fiz minha última reportagem sobre a menina-anjo. Mas o pessoal do jornal não queria acabar com a estória. Afinal, manchete de menina-anjo vendia três mil e quinhentos jornais a mais. Então, eles me promoveram de chefe de reportagem a editor de política. Nosso editor político na época estava fazendo tratamento de desintoxicação alcoólica.

figuras da política brasileira envolvidas. No começo, eu também fui contra: achei violento demais. Mas, depois, passei a achar o maior barato. Foi quando a Secretaria de Segurança vetou os quadros do Siroba.

Marão — O jornal precisava de um novo personagem. Um dia, eu estava na redação quando o Cleber falou para o editor de política inventar um crioulo bonito, brilhoso. Ele escreveu 45 linhas e o Siroba ficou encarregado de visualizar o Crioulo Voador, com o nariz grande, saindo umas bolas de fumaça. Ele chegava na escuridão de vários pontos ao mesmo tempo, pelo alto.

Murilo — Uma das características do crioulo voador era roubar comida. Geralmente biscoito, bolinhos, coisa que criança faz e pode acontecer em qualquer casa.

Marão — Ao contrário do tarado do opala amarelo, ele não fazia mal a ninguém. Era só para assustar, para ouriçar o pessoal da Ceilândia. Ele entrava pelo telhado, roubava farinha, feijão, fazia caretas para as mulheres e ia embora fazendo a maior bagunça, gritando. Depois da terceira reportagem chegaram umas trinta cartas de gente que tinha visto o crioulo, falado com ele etc. E a coisa começou a pegar. Com as cartas, eu saí à rua pra colher depoimentos. Depoimentos incríveis: pessoas que tinham recebido visitas do crioulo, que tinham sido benzidas por ele. O Paulo Rosa, também repórter do jornal, macumbeiro, em vez de entrevistar o povo ia para os terreiros. Aí, surgiu o Crioulo Voador na versão de macumbeiro.

Marão — Mas, voltando à estória do crioulo, que começou a tomar grandes proporções, me lembro que em uma das minhas andanças pela Ceilândia uma menina de 18 anos me procurou e disse: "O crioulo voador passou lá em casa ontem e eu transei

uma boa com ele, mantive relações sexuais com ele. É um crioulo gostoso, cheiroso e bonito. Se por acaso ele voltasse eu transaria com ele de novo." E ela jurava pela mãe dela. Então pedi seu endereço e tirei uma foto dela. Posou bonitinho.

Marão — Depois de umas dez reportagens, o público começou a ficar desconfiado: não queriam mais dar declarações. "Isso é cascata do Correo", diziam. Mas isso depois do crioulo ter sido o assunto da cidade. Mas, quando não conseguia um depoimento verídico, eu criava. Uma vez, fiz o crioulo jogar pôquer num boteco e sair voando de lá.

Marão — Um dia um dos nossos colegas do jornal entrou numa de fazer uma notícia surrealista com o crioulo voador. E botou ele descendo de disco voador na Ceilândia. Foi uma loucura total. O Siroba desenhava o pessoal da Ceilândia todo apavorado.

Murilo — O Correo do Planalto virou coluna social do baixo mundo. Bandido e policial.

Marão — Cada um queria sair no jornal para ser promovido. O bandido queria ser promovido junto ao seu chefe, e o policial junto ao delegado.

Pergunta — Mas como é que desapareceu o crioulo?

Marão — Uma vez eu ia passando por uma mercearia e vi um porco estúpido, do tamanho de um boi. Achei que aquele porco podia dar alguma coisa e falei para o fotógrafo tirar uma foto, porque o crioulo voador poderia aparecer montado nele. Me inspirei na foto do porco e resolvi acabar logo com ele. A última vez, ele apareceu na Ceilândia, dando adeus para todo mundo e destruindo plantações de alface. Eu exagerei um pouco: disse que o porco tinha 3 metros de altura e cinco de comprimento. Realmente foi o exagero do cansaço...

Saltou do trampolim e voou assustando todo mundo na cidade

Pergunta — E então, o que vocês fizeram?

Murilo — Apareceu o crioulo-voador. Eu me lembro da criação dele. Nós estávamos olhando umas fotos de esporte quando apareceu uma de crioulo pulando de trampolim. O fotógrafo pegou o crioulo com uma tele-objetiva com um fundo de eucaliptos ao longe. Ele parecia no ar. A gente estava sem matéria e o Cleber falou: "Esse crioulo dá samba." Na mesma hora alguém batizou: "É o crioulo voador." Saiu primeiro numa página interna, depois foi para a primeira, e começou a crescer.

Marão — Com essa foto, o Siroba, que é um excelente chargista, visualizou o crioulo. Nessa época o CP estava com uns problemas com a

Secretaria de Segurança por causa de outra foto. Nós fomos cobrir um acidente, mas o presunto já tinha sido retirado. O jeito foi o nosso motorista deitar no chão no lugar do presunto. A polícia achou que era uma afronta. Ninguém tinha feito aquilo antes.

Marão — Foi nessa época que a censura proibiu fotos de meninas peladas. Isso foi uma queda na circulação, e precisávamos dar um jeito de ressuscitar o jornal.

Murilo — Aliás, a primeira vez que houve problema com a censura, foi por causa de uma história em quadrinhos do Siroba sobre o caso Ana Lídia, o crime que mais traumatizou Brasília. O título era ANA LÍDIA SEGUNDO O POVO CONTA. Tinha altas

Delegado perdeu o cargo porque estava torturando presos

Murilo — O que o Marão, fez nenhum policial fez. Entrar na barra pesada do tóxico de Taguatinga e outros lances mais. Por exemplo, só um policial muito bom pode chegar a delegado de homicídios. Houve uma reportagem que provocou a remoção do delegado de homicídios, aliás um cara que havia resolvido em pouco tempo, uns oito casos de morte, na base da cuca.

Marão — Soubemos do depoimento de três presos, suspeitos de terem assassinado o motorista de táxi, que ele batia nos presos. Fizemos uma vaquinha pra eles comerem quatro dias e eles contaram que sofreram mil

tipos de violação, até cano de revólver no ânus. Isso quem fez foi o agente bicha que queria manter relações sexuais com ele. Depois disso, o delegado foi destituído.

Pergunta — Quer dizer que se um jornal denunciar que um delegado está batendo nos presos, esse delegado é destituído?

Marão — Se for provado, sim. Se for um caso de muita badalação, ele é punido pelo secretário de segurança.

Murilo — Por exemplo: na época que nós denunciávamos o jogo de bicho, a polícia foi lá e fechou a boca central, que



ficava na 410 sul, no subsolo de um boteco, mas... surgiram seis roletas de jogo. Aliás, Brasília é uma das cidades do Brasil onde mais se joga. Roleta, corre solto, além de baralho, é claro. Inclusive, são usados apartamentos funcionais (para funcionários somente) ligados uns aos outros, servindo exclusivamente como antro de jogo. Tem cara que tem seis, oito apartamentos só para isto.

Pergunta — Tem endereço?
Murilo — Não dá pra dizer. Na 410 sul tem muita safadeza, funcionários do Senado e da Câmara que transam eles mesmos nos apartamentos, cozinhando inclusive. Altas Zonas: Nós conhecemos praticamente todos os bordéis da 410 sul. Têm apartamentos maravilhosos para encontros, como o de um funcionário da Câmara. Ele fornece tudo: mulher, mordomia, etc. E tem

um funcionário do Senado que também é homossexual, que tem mais que isso: ele é dono de um e explora vários outros. Aconteceu inclusive o caso de uma mulher muito conhecida na alta sociedade local, que eu não posso dizer o nome, que estava numa mesa de jogo quando a polícia estourou a banca. Nunca noticiaram isso porque o *Correio do Planalto* não estava em ação.

Pergunta — E a barra pesada de Taguatinga?

Marão — Primeiro eu vou falar do Al Capone do Cerrado, que foi criação minha. Estavam acontecendo muitos assaltos em lojas da Asa sul e a primeira delegacia de polícia, que tem fama de atender mal os jornalistas, estava impedindo a imprensa de ter acesso ao livro de ocorrências. Então eu coloquei a culpa num tal de "Al Capone do Cerrado", que era um cara que chefiava uma gang com várias ramificações, e assaltava lojas da Asa sul. Inventei para ver se a polícia batalhava os bandidos. Realmente, eles ficaram malucos durante 3 meses mas não conseguiram pegar o Al Capone. Essa estória teve princípio mas não teve fim, está por aí até hoje, e se a gente quiser, pode botar a culpa de qualquer assalto em cima do Al Capone do Cerrado.

— Bom, a barra pesada de Taguatinga. Tinha um cara que me dava muita informação da barra pesada de lá. Ele me disse um dia para eu ir à praça do Cine Rex, que lá eu ia descobrir um mocó quente. Ele não iria comigo porque já tinha sido corrido de lá a tiro. Então eu fui sozinho. Eram três horas da tarde, num dia de sol quente.

Murilo — Deixa eu dar um aparte. Na época que o Marão fez isso, eu fui ao Gama fazer

uma matéria sobre o menor abandonado. Lá, recebi propostas concretas: virgem de 9 anos de idade, não me lembro se por 50 ou 100 cruzeiros. E eram meninas de 10, 11 anos, que ofereciam

no Gama, vendiam virgens com esta alegação: "A menina aí está a fim de fazer programa, de livrar a cara dela, de ganhar grana, mas não pode porque é virgem."

Marão — Isso foi publicado com destaque e vendeu muito, mas voltando à estória de Taguatinga, cheguei lá, entrei e não podia sair mais.

Tinha vagabundo visivelmente drogado, com a máquina na mão. Aí comecei a entrevistar o pessoal. Falava com o vagabundo, ele tirava o corpo fora e me mandava falar com o cara do boteco. Entrei no bar do homem, que era a vítima. Estava sendo extorquido, como em toda aquela área acontecia, pela quadrilha de um tal de Isaias, no melhor estilo de Al Capone. Ele tinha que pagar cem cruzeiros por semana por "proteção". No início ele se negou e foi barbaramente espancado. Foi esse o motivo pelo qual o policial me mandou lá. Eu fui e publiquei o caso, matéria assinada. A manchete foi assim: CHEFE DE QUADRILHA ATERRORIZA TAGUATINGA. Foi em Vila Matias. Publiquei também as fotos dos bandidos. Eles começaram a telefonar e fazer ameaças. Aí eu cismeiquei que o chefe tinha que ser preso. Todo dia fazia matéria, com foto. Em todo lugar que ele pintava, eu ia atrás. Ou então tinha um policial trabalhando pra me dar informação. Um dia, 11 horas da noite, a delegacia de roubos e furtos me telefonou dizendo: Marão, teu homem tá aqui. Eles me pediram para ir lá. "Por que vocês querem que eu vá aí?" E eles responderam: "Como você conhece o homem mais que nós, queremos que você faça uma 'entrevista' com ele." Eu fui.

Sempre andava de lupa escura, até à noite. Mas mesmo com a lupa, o cara me reconheceu, embora me chamasse de doutor, pensando que eu era o delegado.

Entrevistei o cara e ele deu o serviço todo. E no dia seguinte, estampeei na primeira página, matéria de quatro laudas: PRESO CHEFE DE QUADRILHA. ELE ATERRORIZAVA TAGUATINGA. O cara foi preso e... bem, vou falar, passou 15 dias na prisão e, quando estava sendo levado no camburão, dizem, ele escapou e não foi mais preso.

A coisa ficou no ar. A polícia pediu para não publicar isso e eu não publiquei. Por que? Principalmente aqui em Brasília, repórter-policia para se dar bem tem que fazer o jogo da polícia.

O CORREIO DO PLANALTO

O Jornal da Cidade

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1975 ANO - 1 - Nº 023 - Preço Cr

TARADO

Agora em Taguatinga



Depois do Gama, o Tarado passou a viajar

Em Taguatinga, as mulheres já viram o "Tarado do Opala Amarelo", que resolveu deixar as moças do Gama em paz por alguns dias. A sua tática é a mesma de sempre, dirigindo com os faróis do carro apagados, de leve.

Menino era o chefe da gang que só roubava dodge-dart

Pergunta — Que outro caso vocês têm para contar?

Marão — Teve o caso do Fittipaldi. Todo dia que a gente chegava na segunda DP, tinha uma ocorrência de dodge-dart assaltado. E sempre dodge amarelo. Era um garotinho, um criulinho. Ninguém sabia quem era esse cara. Na época, eu tinha muito contato com o delegado de menores. Eu me dava muito bem com ele. Ele me deu o toque de que esse menino era uma coisa louca, que quando ele pegava um carro, podia ter o diabo que ele passava por cima.

Murilo — Ele era tão pequeno que roubava a dois. Pegava um pivete menor que ele, botava embaixo, deitado no banco, e sentava em cima do garoto. Puxava o banco do carro pra frente e dirigia em cima das costas dele. O guri chegou a roubar o dart do delegado, na frente da delegacia.

MARÃO — Depois da prisão, ele ficou 20 dias na Delegacia de Roubos e Furtos, incommunicável. O juiz não deixava ninguém tirar fotos nem falar com ele. Através de vários "apertos," descobrimos mais de 200 toca-fitas roubados no Plano Piloto, além de furtos de pneus, talas-largas etc, tudo feito por menores com-

panheiros dele. No dia do seqüestro dele por policiais saiu a manchete FITTIPALDI SEQUESTRADO. Vendeu jornal que nem sobrou pra gente.

Pergunta — Vocês estavam vendendo ilusão como se fosse notícia?

Murilo — Não era bem o jornalismo que a gente queria.

Pergunta — Nós somos um país de futebol e samba. Dez por cento das pessoas deste país têm condições boas de vida. Os outros 90% não têm as mesmas condições. Que tipo de reação o CP causava nestes 90%?

Murilo — Acho que explicar fulano de tal está explorando tal boteco, assim como nós denunciemos a rede de tóxicos de Taguatinga, fazendo o que ninguém fazia, era dar ao leitor consciência dos problemas. A menina-anjo, por exemplo, dava um modelo ideal de sociedade perfeita.

Pergunta — Você reconhece que chegou a perder o respeito humano?

Marão — Sim.

Pergunta — Por que?

Marão — Aí é que tá o negócio. Ficar na redação sentado eu não fico. Eu gosto da coisa movimentada, maluca. Eu sento na máquina e vejo tudo na minha frente: um cara pulando, atirando, o

outro caindo. Esse negócio todo me deixa alegre, eu fico alegre.

Murilo — Depois de cinco anos dentro da delegacia, meu filho, você dá porrada em preso. Dá, dá. Dá porque você tem uma proporção de 70% que levou porrada e falou. E outra coisa: a gente gostava do trabalho. Não havia assiduidade no pagamento do salário, então a gente vivia naquele processo criativo de sobrevivência, de fazer o negócio para vender. Você fica feliz quando vê no dia seguinte sua reportagem estampada na primeira página, vendendo 8.500 exemplares. Eu acho que não é tão fácil criticar os outros. Conheci mulheres que achavam que estavam exercendo a mais digna das profissões sendo prostitutas. Como você vai acusar essas mulheres se existem casas na Ceilândia com um único cômodo e seis ou oito beliches. A mesma coisa numa delegacia de menores. Um amontoado de garotos. O resultado é que os de 12 anos comem os de 8.

Marão — Eu já vi muitos casos de homossexualismo em delegacias de menores. Em Brasília teve um garoto que ficou com o ânus tão danificado que teve que fazer uma operação. Uma vez prenderam a empregadinha, menor, de um deputado, e que tinha roubado a casa do patrão. Duas horas depois, a mulher do deputado foi na delegacia soltar a menina e vomitou ao ver o estado em que ela se encontrava.



O NEGÓCIO DELE É MUITO SANGUE E MULHER NUA



O EDITOR DO JORNAL PAULISTA NOTÍCIAS POPULARES, IBRAHIM RAMADAN, NEM QUER SABER SE AS NOTÍCIAS SÃO VERDADEIRAS. ACHA QUE O MAIS IMPORTANTE É FALAR DE CRIMES, SOBRENATURAL, VIOLÊNCIA, POR AÍ.

REPORTER — Receita para um jornal popular.

— Assuntos que interessam a determinadas camadas sociais: para a classe operária, população periférica, é o crime, a violência, o sobrenatural, o pitoresco, nada de especial. São os fatos que mais chamam a atenção da opinião pública.

REPORTER — Que tipo de notícia vende mais o jornal?

— Depende do tipo de acontecimento. O dia-a-dia realmente é o crime. Por exemplo, existem determinados tipos de crime que não são comuns, que não acontecem todo dia, que vendem jornal. Na semana retrasada nós tivemos um caso, o do açougueiro que cortou a cabeça do colega e pendurou num prego. Nesse dia subiu muito a venda do jornal. Agora na morte do Aldo Moro, na Itália, também se vendeu muito jornal.

REPORTER — A história do "bebê-diabo" era verdadeira?

— Não, evidentemente que não era verdadeira. Houve um exagero nos títulos, nos preocupamos sempre em fazer títulos que provocassem maior impacto, maior agressão. Então, dadas as características da criança, que teria nascido com algumas deformações, no jornal nós colocamos com essa denominação de "bebê-diabo."

REPORTER — Mas isso não seria uma agressão até mesmo aos pais da criança, à própria criança, que nasceu deformada como pode acontecer com outras crianças?

— Não, porque nós não tínhamos qualquer informação de onde a criança tinha nascido, quem era o pai, quem era a mãe.

REPORTER — Então, como a notícia chegou até o jornal?

— Foi dada pelo correspondente do ABC, dando o fato. Mas não localizou a criança nem os seus familiares.

REPORTER — E qual a prova de que o bebê existia mesmo?

— Não havia prova alguma. REPORTER — E vocês publicam uma notícia sem ter certeza se é verdade?

— Sim, o correspondente mandou então nós publicamos. E a partir da publicação da notícia do nascimento do "bebê-diabo" começaram a aparecer pessoas aqui no jornal, por incrível que pareça, que diziam que tinham visto o "bebê-diabo". Veja esse tipo de notícia o que provoca na população. E aí nós fomos obrigados a alimentar o caso durante 4 meses para satisfazer a curiosidade popular.

REPORTER — Com isso vocês não estariam aproveitando da falta de cultura das pessoas?

— Essa daí é uma colocação muito absurda, muito imbecil, eu diria, pelo seguinte: a violência, as deformações, sempre chamaram a

atenção, sempre estimularam o ser humano desde a época pré-histórica. A própria crucificação de Cristo foi um espetáculo para muita gente. Os cristãos sendo devorados por feras na arena provocavam grande sucesso. Então, eu acho que é besteira falar que nós aproveitamos da falta de cultura do povo.

REPORTER — Mas vocês dão uma notícia como essa sem ao menos se preocuparem em saber se é ou não verdadeira.

— Olha, essas agências de notícias internacionais que todos os jornais pagam para receber as reportagens do que acontece pelo mundo, mandam todo o dia coisas incríveis. E como nós vamos saber se é ou não verdade? E outros jornais, outras revistas usam coisas piores. Só que são colocadas em outros níveis, numa linguagem mais sofisticada, mais requintada.

REPORTER — Mas uma notícia dessa não é dada só para vender jornal?

— Todo jornal é feito para ser vendido, o jornal é feito para o leitor comprar.

REPORTER — Qual o maior público do Notícias Populares?

— A classe operária. REPORTER — Por que sempre vocês colocam uma mulher nua na primeira página?

— Olha isso é uma coisa que vem desde a fundação do Notícias Populares e que quando nós quisemos modificar recebemos centenas de reclamações dos jornalistas, leitores. E, depois, as fotos de mulheres que nós usamos, em termos de erotismo, estão ultrapassadas se nós compararmos com as dessas revistas coloridas que saíram de dois anos para cá.

REPORTER — A mulher tratada desse jeito não vira um objeto?

— Essa é uma pergunta que deveria ser feita para o pessoal que faz a revista Status, Homem, Lui.

Entrevista a Cristina Catalano



RESPONSÁVEL: IBRAHIM RAMADAN
2 1978 - N.º 4.910

e França
cidente



nista por
ruzeiros

POLÍCIA CAÇA O AÇOUQUEIRO DECAPITADO

Segundo decanato de Touro



Página 19
A CHARGE DE J. CAESAR, NA PAG. 2

Está condenada a menina que dorme há 3 anos

Página 5

JÁ DEB

CRIME NO TÚNEL: POLÍCIA PÔE EM

TRABALHADOR O FGTS DE

4,00

CRIME: a tristeza dos...
compartadas no quarto
página 8



"VIOLADA NO AUDITÓRIO"

ELES GRITAM COISAS ASSIM

O repórter Ronaldo Oliveira Herdy foi conhecer as pessoas que vendem *O Dia*, na hora que elas vão ao jornal apanhar suas pilhas de "folhas" para vender através da cidade. Na fila à porta do prédio, ele viu trabalhadores que apenas "defendem um troco", privilegiados que têm vários garotos sob seu comando e até camelôs que buscam uma forma de aumentar a renda.

Quando o repórter ia entrevistar as pessoas, surgiu na esquina um camburão branco e preto, cheio de policiais. A fila se arrumou conforme cada um e dois garotos desapareceram na carreira logo na primeira esquina. Esperavam, como os demais, a edição do jornal que mais noticia crimes no Rio de Janeiro, "o jornal de maior público leitor"

São 22 horas e é grande o movimento tanto de jornaleiros (os que vendem o jornal na rua) como de caminhões que o distribuem nas bancas. Um pequeno grupo conversa num estacionamento próximo:

REPORTER — Poderia dar uma declaração a respeito do seu trabalho?

— Eu me chamo Jorge Costa, tenho 40 anos, moro no Estácio em casa alugada. Sustento 8 filhos e minha mãe de 80 anos. Trabalho desde 1951, das 23hs até 9hs, vendendo jornal. Daí em diante, sou camelô em Caxias. Saio de lá e vendo até o *Dia*, onde durmo.

— Assim pego o jornal vou para a Marechal Floriano, de lá me mando para a Brahma e às 4 horas pego um ônibus e vou terminar de vender na Ilha do Governador. Já tenho muitos fregueses certos. A manchete que mais o pessoal gosta é a policial, eu anuncio dizendo quantos mortos e

quantos feridos tem a primeira página.

— Pego 100 folhas fiado e no dia seguinte vendo e pago tudinho, mas tem muito malandro que apanha e não paga ou então quer roubar da gente. Mas comigo não tem vez não, se num tiver de fogo ninguém me pega nada, eu não tenho medo de morrer, já levei dois tiros e hoje estou aqui.

— O que eu queria mesmo era subir em um palanque na hora de um comício e falar meia hora sobre o rapa, eles tem que ter maneiras, só sabem bater na gente e pegar nossas coisas.

— Toda noite sai três jornais de graça, que eu dou para motoristas de ônibus. No domingo, em cada jornal eu ganho Cr\$1,50 e nos outros dias Cr\$0,90. Se sobrar, *O DIA* fica com os jornais e dá um novo. Isso é legal, ele é legal, já vendi o *Jornal do Brasil* e *O Globo* mas não quero nem saber mais eles só dão prejuízo. Eu só leio o *Dia* por alto, mas sei que ele é o melhor.

Terminou dizendo que "a polícia só protege o ladrão, que todos os jornaleiros garotinhos são ladrões e safados e fumam maconha. O jornal só deveria ser entregue para gente honesta, eu passo fome mas não roubo. E ficou a conversar na porta mais um pouco".

Perto estava um menino que também quis falar.

— Eu me chamo Marcos, moro em Imbariê (no interior fluminense) tenho 14 anos e vendo *O Dia* há um ano, das 23hs às 7hs. De dia eu estudo. Meu ponto é na plataforma 42 da Central e quem mais compra são as casas comerciais.

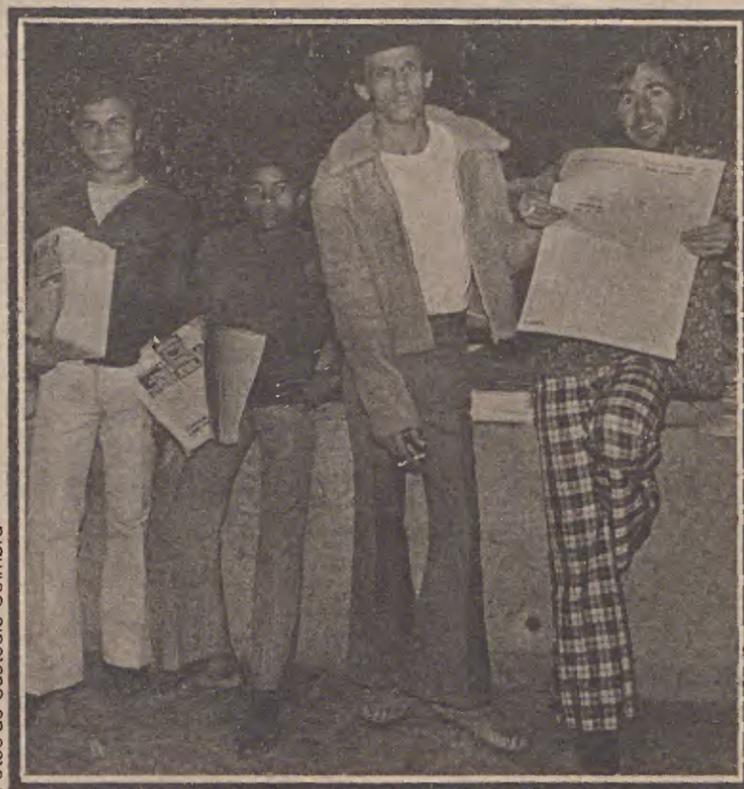
Pego de 60 a 80 jornais, mas pago porque não tenho conhecimento com o pessoal lá dentro. Para chegar na Central, vou de carona na kombi, ou então pego um ônibus e pago a passagem dando um jornal para o motorista. Todas as manchetes eu grito, mas a que mais vende é aquela que traz o aumento de salário.

O terceiro entrevistado, apanha o jornal e distribui para garotos que deverão vendê-los em locais determinados e lhe prestarão contas no final. Durante a entrevista foi constante a necessidade de sua intervenção para acalmar o ânimo de dois de seus "empregados" que estavam bastante exaltados.

— Meu nome é Romão, mas o pessoal me chama de Carecão. Tenho 30 anos, moro em Caxias e trabalho vendendo jornal desde os doze. O meu ponto de venda é na Lapa e durante o dia também vendo outros jornais em Cascadura.

— A notícia de grandes mortes e de aumento nos salários são as que mais vendem. Eu gosto muito do *Dia* porque é ele que me dá dinheiro, na minha casa só entra *O Dia*, é o jornal que mais vende no Brasil só eu vendo de 300 a 400 folhas, tenho muitos fregueses certos.

— Toda noite pego duas mil folhas e dou a oito ou dez meninos para venderem. De dia, vendendo os outros jornais, não passo de 500



Fotos de Custódio Coimbra

O da direita é "Carecão", chefe do grupo

folhas. Por isso que à noite, ao anunciar a manchete, eu grito bem alto. OLHAAA O DIAAAA. "Assim presto uma homenagem a quem me sustenta"

Outro distribuidor:

— Eu tenho 37 anos, moro em Bonsucesso, me chamo Carlos Santos e vendo jornal há 25 anos. Toda noite pego, de acordo com a manchete, de 600 a 800 folhas. Hoje está boa e deve vender bem. Distribuo a seis ou sete pessoas e marco um encontro com elas depois na Central para nós acertamos as contas. O meu ponto de venda é em Caxias, Encantado e Méier.

— As manchetes que mais vendem são as pavorosas, até hoje ainda me lembro de muitas delas. Pegaram Mineirinho, Grande Incêndio no Circo, Mataram Cara de Cavalo etc. Essas não voltam mais, a coisa hoje está mais mansa. As coisas que envolvem a alta sociedade também vendem muito bem. Se nós vendemos bem dizemos que a manchete foi minério, se vende mal, é pedreira.

— Paro de trabalhar às 10 horas e fico o resto do dia descansando e lendo gibi. No domingo eu leio *O Globo*, mas também gosto do *Dia* porque afinal é ele que me sustenta.

— O meu nome é João Batista, moro em Belfort Roxo, tenho 42 anos e há mais de 20 vendo *O Dia*. Vendo de 100 a 150 folhas na Praça da Cruz Vermelha. Paro de vender às 5 horas para trabalhar como pintor de parede. Quem mais compra o jornal são os motoristas de

táxi. Leio o jornal todo e acho ele muito bom.

— Apanho o jornal e pago na hora, durante o tempo em que estou vendendo ele, como um bolinho e tomo um café. Até chegar à praça eu vou pela Riachuelo vendendo. A manchete de hoje vai dar bem.

O último entrevistado é um rapaz muito quieto num canto e está muito bem vestido.

— O meu nome é Paulo Roberto, moro em Madureira e além de vender o jornal lá ainda vendo em Parada de Lucas. Tenho já muitos fregueses certos. Pego todo dia 100 folhas, o que me dá no final do mês um lucro de Cr\$2.700,00. Durante a hora em que estou vendendo o jornal não como nada. O dia que dá mais é quando o Flamengo ganha. Leio ele todo e acho muito bom.

Paulo sai correndo agora para buscar o suplemento que acaba de sair e entra na fila. Quanto mais rápido sair, melhor será a venda.

Na parede já está colada a cabeça do jornal — parte principal — e Paulo, olhando a manchete que traz a morte de Aldo Moro, diz que "o governo foi incompetente".

À esquerda há a fila dos que apanha o jornal da própria empresa e à direita os distribuidores vão entregando rapidamente aos seus vendedores.

Por último, seu João também consegue a cabeça, encaixa ela no suplemento e corre, inicialmente pela Riachuelo, entra na Henrique Valadares e lá vai ele desaparecendo.

Paulo Roberto ganha 2.700 por mês

DEPOIS DE 13 ANOS EM CANA BANDIDO TROCOU DE MÁQUINA

“

Eu já tentei outras vezes sair da vida de bandido: arrumei emprego, trabalhava, mas não fui aceito, não consegui formar um círculo de amizades. Dessa vez, por ter escrito o livro, mudou a minha imagem.

Já trabalhei um ano e cinco meses com o vereador Samir Achoa, escritório de advocacia. Eu arrazoava pra ele. As pessoas se acostumaram a passar no escritório pra conversar comigo. Quase que diariamente. Uns iam porque achavam interessante meu papo. Outros, pra dizer a seus amigos que conhecem Hiroito. Mas nunca me convidaram pra sair, pra casa deles, pra um teatro. Eu terminava meu serviço às 7 horas, 8 horas, e não tinha pra onde ir. Logicamente, voltei a andar com prostitutas, delinquentes, comecei a entrar em cana... isso foi mais de uma vez.

Dessa vez, devido ao livro, mesmo aqueles que não me aceitavam passaram a me aceitar. Então pra mim é bastante estranho porque sei que não mudei nada. Eu sou o mesmo que era nas outras vezes.

Mas não dá para viver só como escritor. Vendí a história para o cinema. Com esse dinheiro, mais a porcentagem que vou ganhar, dá pra ir levando. Também fui contratado para escrever um roteiro de um filme sobre o famoso Menegheti, "o gentil ladrão." Disso, estou recebendo Cr\$ 10 mil por mês, durante oito meses. Hoje, o tema da marginalidade está despertando mais atenção do que antigamente.

Por enquanto, reconheço que sou mais ex-delinquente do que escritor.

Até há pouco tempo eu não me preocupava muito com as coisas do lado de cá, que eu chamo. Tô vendo agora que o problema maior não é bem a criminalidade. A criminalidade é apenas parte do problema. O problema maior é, em termos gerais a dissolução da sociedade. E reflexo disso, espelho disso, é a criminalidade. Haverá sempre uma relação entre o índice de criminalidade e a dissolução de uma sociedade. Hoje em dia, é difícil o sujeito ser honesto por convicção na sociedade altamente urbanizada. Vamos definir antes o que é crime e o que é desonestidade.

Crime seria o fato previsto, punido por lei. Variável no tempo e no espaço. Desonestidade opera no campo do eterno e do absoluto, não na superfície das convenções. Hoje em dia, se vê em todos os ramos de atividade a desonestidade. Se pegar o Código Penal e comparar, você vai encontrar. Só que tem outros nomes: consórcio, empreendimento, investimento. À luz do real, é desonesto.

Então é meio difícil o sujeito ser amante da lei, da Justiça, a não ser por temor da espada da lei. A cri-

Hiroito foi um dos bandidos mais procurados pela polícia de São Paulo nos anos 50 e 60. Era o rei da Boca do Lixo, onde chegou, depois de ter sido o acusado de matar o pai. Perdendo amizades e emprego, resolveu morar na Boca, bairro de Campos Elísios, habitado por bandidos e prostitutas.

Começou vendendo "proteção". Foi um dos primeiros a usar revólver de grosso calibre, na Boca. Andava com ele sempre dentro do bolso da calça, onde também mantinha a mão. E não tirava nem pra cumprimentar.

Treze anos preso, agora de novo em liberdade, Hiroito escreveu um livro — Boca do Lixo — que está em 2ª edição. Virou escritor. Está escrevendo dois roteiros para cinema: Boca do Lixo (que será filmado este ano) e Menegheti, outro bandido famoso, seu conhecido. Seu segundo livro — sobre a vida na prisão — está quase pronto. Com os dez mil por mês que vai ganhar durante oito meses para fazer o roteiro de Menegheti, os direitos do livro (Cr\$ 70 mil) e a porcentagem que vai ter no filme, ele sobrevive dentro da lei.



Hiroito escreveu o livro na cadeia, matando o tempo.

minalidade é o termômetro de uma sociedade. Quanto mais corrompida estiver maior será o índice de criminalidade.

Na minha vida do lado de lá eu era muito eclético, mas sempre tinha como fundo o lenocínio: explorador do lenocínio tem casas onde as mulheres pagam diárias, com direito de usar o local, além de ter alguma proteção contra outras mulheres, delinquentes, policiais. Uma cobertura. Eu era muito bom pra elas...

Me liguei muito às minhas companheiras. De um modo que não era comum. Um afeto muito grande, reforçado pela amizade, carinho, lealdade. Foi assim com todas as mulheres que passaram pela minha vida. A mulher, pra mim, talvez representasse outras coisas: no mundo do crime, além de ser mulher, ela tem que ser companheira, no sentido da criminalidade. Uma lealdade maior, uma sinceridade maior que a comum.

As mulheres com que acabei rompendo não agüentaram o trem de vida que eu levava. Estar sempre em alerta, em perigo... isso acabava minando o amor.

Não passei toda a minha vida na prisão. As obrigações que tenho agora sempre tive. Sempre tive casa, automóvel. O máximo que eu fiquei preso, em seguida, foi sete anos, de 1963 a 70. Quando saí, saí abastalhado, não sabia conversar com uma mulher. Nem pra fazer mixê. Chegava numa prostituta, me encabulava. Fiquei todo o tempo de prisão na base de masturbação. Tinha pederastia também, mas nunca fui chegado nisso.

A vida na prisão é bem diferente do que se fala por aí. Na prisão acontece o seguinte: 50 por cento das ocorrências policiais não chegam ao conhecimento da direção: as agressões, os estupros. Das que chegam ao conhecimento da diretoria, 90 por

cento não chegam à crônica policial. Então, às vezes, morrem quatro, cinco num dia e ninguém fica sabendo. Fala-se muito da detenção mas não se sabe ao certo o que é aquilo lá. É um negócio que choca até a mim, que fui delinqüente, um negócio que eu nunca pude aceitar.

Existe o tipo de criminoso que se torna monstrinho. Ele vai sendo monstrificado, estuprado, leva quatro, cinco cacetes, quebra o braço, depois vai pro DEIC, então é choque, pau-de-arara e outras coisas mais. Então, ele vai se revoltando. É esse tipo aí que comete latrocínio. É muito comum, em São Paulo e no Rio, o sujeito assaltar e matar. Bestamente. Não por reação de quem é assaltado, mas por sadismo. Pra desabafar aquilo que sofreram.

Uma vez houve um morticínio na penitenciária. Uma psicose coletiva. Tinha lá uma tal de Rupa. (O mesmo nome de um órgão policial especializado em prender bandidos, anos atrás.) A Rupa vinha a ser o seguinte: dois ou três caras combinavam de sair matando. Indiscriminadamente. Combinavam e começavam a matar. Matava um, dois, três. Nessa manança mataram uns dezoito. Daí, uma das Rupas matou um guarda e acabaram com as Rupas. A Força Pública foi lá com os cachorros... isso foi em 72. Aí deram um pau geral no presídio, arreentaram 500 presos.

Minha mentalidade é apolítica. Não entendo nada de política. Mas sou a favor da anistia. Acho que todos merecem uma oportunidade.

O nível da polícia melhorou muito depois de 1964. Não foi a Revolução que melhorou. Até 1960, o nível intelectual dos investigadores era terrível. A maioria era analfabeto. Hoje em dia não, se exige cursinho... melhorou muito.

A polícia também ficou mais refinada. Há novos métodos. Antigamente, o choque era elétrico — isso há muitos anos, eu não peguei esse tempo — depois criaram a maquininha de magneto. Agora, importaram uma espécie de piano: bate numas teclas e, conforme bate, aumenta a voltagem. Hoje, também existe o trono, que antigamente não existia. Uma cadeira de ferro, onde o sujeito fica amarrado. Mas o mais que se usa é o pau-de-arara. Quando tem assim muita fila pro pau-de-arara, eles fazem uns treinamentos: tirar petróleo. O cara tem que encostar o dedo no chão e ficar girando em volta do dedo... até achar petróleo. Normalmente, o sujeito até chegar no DEIC já levou dois, três telefones, soco no estômago, escutou que a mãe dele é isso e aquilo, chega lá na carceragem é mais uns catiripapos.

”

RAQUEL MORENO

APANHOU NO XADREZ PORQUE NÃO QUIS LAVAR O BANHEIRO



Avião é sucessor do catavento



Bom foi não ter rolado sangue

p. 16

— Família? O que é família?

O pai, a mãe, os irmãos...
— Meu pai tava bebendo pinga, aí uma mulher bateu na boca dele. Ele tava armado e saiu matando umas mulheres por aí. Aí veio a polícia e matou meu pai.

O que você quer ser quando crescer?

— Não quero ser bandido. Nem polícia. Qualquer coisa, menos polícia. A polícia já judiou muito de mim. Um dia tava eu, o

Gilberto — 8 anos — Amauri — 9 —, Adilson — 13 — e outros bagunçando num barzinho da avenida Consolação. Aí passou um *tático* (Tático Movei, da Polícia) e o cara da boate mandou levar a gente. Na delegacia um homem falou pra mim limpar o banheiro, a sala e o pátio e ia me dar um maço de Kent. Eu falei que não. Aí o moço tirou a sandália, me levou para uma salinha e me bateu. (Alemão, 9 anos)



Foto de Jesus Carlos

NA FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR

PAULADA NO DOENTE

MENINO PASSA MAL — VÔMITO IRRITA SERVENTE — GRITOS E AGRESSÃO NO CORREDOR — ASSISTENTE PROTEGE O INDEFESO — TODO MUNDO NA BRIGA P. 15

REPORTER

Suplemento infantil



TROCOU 6 FILHOS POR AMANTE COM TAXI



Foto de Jesus Carlos

Riu do policial e levou pontapé

Ivo, de 13 anos, há seis meses disse à mãe que ia sair de casa porque o irmão maior batia nele. A mãe disse que ele podia ir à vontade: era uma boca a menos. Ele arrumou emprego numa banca de frutas, onde dormia. Um dia, encontrou uma bicicleta toda arrebitada na porta de uma tinturaria. Consertou e saiu pedalando por aí. A polícia saiu atrás dele.

— Ninguém foge da polícia melhor que eu.

A polícia persegue você ainda?

— Um dia, a gente tava bagunçando e o tio de um carinha chamou os guardas. Veio um e disse que ia me levar, aí viu que eu tava sujo e me deixou. Aí, eu dei risada. Ele viu e meteu o pé no meu traseiro.

— Lá em casa ninguém tem sorte mesmo. A mãe tá presa. Andou com mau elemento, aí o mau elemento roubou dois táxis e eles fugiram. A polícia pegou minha mãe, que está na detenção de mulheres. O carinha ainda não pegaram. O pai trabalha de vidraceiro, mas não liga pra gente. Seis irmãos estão na rua, o resto na casa dos parentes. (Biriba, 15 anos)



Biriba



Foto de Ricardo Giraldez

Tomou Brasil no peito

— Escola é um lugar onde se vem pra aprender. Aprende como ser, modo de agir, falar português direitinho. Aprendo sobre História do Brasil.

— O mais importante em História é quem descobriu o Brasil e como foi povoado. Tinha os índios aqui e os portugueses estavam indo pras Índias. Aí erraram o caminho e vieram parar aqui por acaso. O rei de Portugal resolveu, então, pegar as terras pra ele.

— Do Brasil de hoje eu aprendo quantas pessoas tem — não sei —, as indústrias que tem, quantas pessoas trabalham.

— O Brasil é um país que vai ficar rico. Por enquanto não é. (Cintia, 13 anos, 6ª série)

VENDE DOCE E TEM RAIVA DE RICO

— Não gosto muito da vida que tenho. Sofro muito. Gosto de trabalhar, mas tenho que andar muito. Uma vez os trombadinhos me pegaram, levaram minha caixa de doce e ainda o dinheiro que eu tinha.

— Não quero ser muito rico. Muito, muito não.

Rico é o que estraga a vida dos outros. Morre, perde tudo. Eu queria ser um cantor, como o Ronnie Von.

— Minha casa é pobre. Eu queria que tivesse cortina e móveis. Lá só tem móveis velhos: guarda-roupa, duas camas, guarda comida, um fogão. Televisão eu também queria ter.

— Do trabalho eu só gosto porque tenho de ajudar meus pais. Não aprendi muito trabalhando.



Foto de Amancio Chiodi

FUTURO ENGENHEIRO TEM MEDO QUE A MÃE MORRA

p. 17

EX-DOMÉSTICA ACHA PATROA MUITO EXIBIDA

Ana Aparecida tem 14 anos. Ela diz que "o Brasil é um país bom de se viver porque não tem guerra e a guerra mata as pessoas". Não sabe porque os estudantes saem nas ruas em passeata: "acho isso horrível, os polícia bater neles, não tá certo não, polícia é muito estúpido, já vai logo batendo... imagine que no meu grupo tem um polícia que fica lá o tempo todo pra não deixar a gente fazer bagunça."

— Você estuda. Já trabalhou alguma vez?

— Já trabalhei de doméstica. Não gostei não, as patroas são muito ruins qualquer coisinha elas enchem, são muito exibidas, querem ser mais que os outros, só porque são ricas e a gente é pobre pensam que a gente pode aguentar tudo.

— E me diga, Ana, por que existe pobre e rico no mundo?

— Ah, isso é que eu não sei mas gostaria muito de saber.

EXÉRCITO SÓ ANTES DA GUERRA

p. 16

AMOR A TRÊS NA CELA

Mais o meu coração está a brincar todo
 memeto que você e quize a gozo eu
 queria tudo de bom pra você e eu sei
 u na barbaça a quarenta e cinco dia
 barbaça que você fez eu esqueci
 tudo o que eu estou sintindo meu
 coração eu quero ver uma foto
 te para você na rua não sei si
 você deseja a mesma coisa pra
 mim mais você a querido em
 tudo o que você fez pra você
 Vai mil beijos
 Cheio amor bon
 para você
 não beija você
 Quem
 Ritinha
 amor da
 Robertinho
 cheio de car
 da sua vida
 cidade Robert
 não
 vai um Beinho

Três crianças (15 anos) foram presas numa delegacia de São Paulo. Por lei, a polícia não pode prender crianças por mais de algumas horas, mas eles ficaram vários dias. Flávio na cela em frente à da Rita. Robertinho na cela do lado. Bilhetes de amor que eles chamam "papagaios" começam a circular entre as celas, jogados de uma pra outra. Flávio ama Ritinha, Robertinho também. É a chibação.

Você fala que me ama mas é tudo chibação

Ai, Ritinha, não se trata de eu ficar na miguelagem. É que eu dou toque pra você não ficar chibando com os caras lá do lado, mas você não se acanha e depois vem contar história pra boi dormir pensando que eu sou loque. Você fala que gosta de mim, que me ama e o diabo a quatro mas eu sei que isso é tudo chibação de sua parte e quando você sair na rua nem vai se lembrar que eu existo. E eu não gosto de mina de duas caras. Quando eu quero uma coisa é só pra mim, não gosto de parceiro. Mas se você quiser continuar nessa aí, pode ficar chibando com os caras. Agora, a consciência é sua: qual dos dois você prefere? Se for amigo tem que proceder, senão adeus. Assinado Flávio.

Gosto de duas coisas estar na rua e ver você

Ritinha, já esqueci tudo o que você fez porque te amo com todo meu coração. Daria minha vida pra estar com você no mundão curtindo uma legal, mas o destino reservou para nós dois estar atrás das cortinas de ferro. Mas se Deus quiser nós vamos sair desse inferno que nem o diabo queria estar aqui. Mas é como você disse: a vida é essa, a gente tem que passar por todo o sofrimento da vida. E justo esse foi reservado para nós dois. Mas Deus é grande, talvez nós podemos cair nos laços matrimoniais. Espero que isso aconteça algum dia. Você mandou um beijo com sabor de morango, eu mando com sabor duplo de cereja. Flavio e Rita.

Cruzando com você no mundo, terei vida de rei

Ai, Ritinha, eu sonhava todos os dias que ia casar com uma morena linda como você. Eu acho que tu és a mina dos meus sonhos e estou feliz porque já encontrei e vou saborear esses lindos lábios de morango. Mas é pena que não seja todo dia, mas eu deito e fico pensando: por que será meu Deus que isso tinha que acontecer logo

com nós dois e não resisto a solidão e minhas lágrimas logo começam a rolar pelo meu rosto afogando-me no vazio da escuridão. Mas espero que termine logo minha tristeza cruzando com você, meu amor, no mundo e ter uma vida de rei. Só assim poderei realizar meu sonho que demorou tanto. Um beijo duplo e um abraço do seu querido Flávio.

Se você tem compromisso na rua, fala que é melhor

SP 23.8.75

Saudação. Minha querida Ritinha, eu estou mal. Eu fui pendurado ontem três vezes. Se você for embora, é para você ver aquela parte pra mim. Eles estão falando que vão me mandar pro DEIC. Aquela parte que você falou que ia ver, se eu não estiver aqui, estou no DEIC. Se você der uma mancada, eu nem sei que faço. Tudo que eu falei pra você é real. Eu vou acreditar em você, Ritinha. Você, ultimamente, está sendo a pessoa que eu quero. Se você tem compromisso na rua, você fala que eu fico sabendo. Mas falou ontem que não tem. Eu estou naquela, ontem eu fiquei o dia todo lá em cima. Ritinha, eu não penso em mais nada, só em você. Robertinho da sua vida.

Fala pro juiz que está esperando nenê de mim

SP 21.8.75

Minha querida Ritinha. Você vai embora logo. Eu estou contando você fazer uma parte pra mim. Só tem um jeito de você me tirar daqui. Vai no Juiz você e fala que eu sou o seu marido, que você está passando fome e que você está esperando nenê de mim. Você vendo essa parte pra mim, logo em seguida eu vejo uma parte pra você. Você vendo essa parte pra mim, eu faço o que você deseja da sua vida. Eu estou no sufoco. Ritinha, eu só penso em você. Você é tudo que eu quero. Vai beijinho de amor, tudo de bom pra você que tem no mundo. Vai um beijinho sabor de cereja. Roberto.

Não podemos nos amar atrás das cortinas de ferro

Ritinha, queria estar juntinho com você agora dando aqueles malhos mas isso não é possível porque o destino reservou para nós dois ficar atrás das cortinas de ferro e não podemos nos amar. Mas

um dia, não sei quando, vamos nos cruzar na rua e vamos tirar todo tempo que estamos perdendo aqui. Ai, vou esquecer até do mundo, não vou querer nem morrer. Flávio.

Não vim pra cadeia pra passar por paspana

Ai, Ritinha, você está me levando pra grupo. Você acorda de manhã a primeira coisa que faz é chamar o Roberto. Se eu não dou toque fica aí na miguelagem. Você não está agindo. Eu não sou parado nessas pilantragens, mas a cabeça é

sua. Se você continuar nessa, tchau e bênção porque eu não vim pra cadeia pra passar por paspana. Agora, se você acha, tá muito enganada. Agora você vê o que pode fazer.

Assinado Flávio.

Estou invocado com todos vocês

SP 22.8.75

Ai, Ritinha, você falou que não me trouxe pra cadeia. Eu não esperava que você dizia essa graça pra mim. Ai, você disse que não tem filho barbado por causa de um cigarro. Eu pensava que você me considerava mais um pouco, Ritinha. Eu estava desgostando de ver você chibando com nego Flávio, mas eu não tô nem aí. Se quiser corresponder eu correspondo com você. Eu tô invocado com todos vocês. Se manda resposta, vai um beijinho. Robertinho.

Você disse que está parando na minha

São Paulo 22.8.75

Minha querida Ritinha. Eles estão falando que vão mandar você pro DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais - n.r.), mas você vai pra rua. Você disse que está parando na minha. Sei, pode ser verdade e pode ser mentira. Mas isso não importa. Com isso eu só quero que você não dê mais um furo comigo. No mundão, eu vejo uma parte pra você. Se você quiser a minha vida, eu dou. Vai um beijinho. O meu nome: José Soares da Silva Filho, Pai: José Soares da Silva. Mãe: Benigina Ferreira Lima. Robertinho Ritinha.

Meu sofrimento talvez pode se afogar em seus lábios

Ai, Ritinha, agora acabou minha alegria porque você vai embora. Mas em outra parte estou contente porque você vai pra rua, assim você sai desse sufoco. Minhas noites eram vazias com você tão perto de mim mas não podendo te ver. Agora que

você vai, minha solidão vai aumentar mais ainda. Mas não faz mal porque tenho esperança de encontrar você na rua. Só assim meu sofrimento talvez pode se afogar em seus lábios.

Assinado Flávio.

Não fica nervosa, isso é a cadeia

SP 24.8.75

Saudação. Minha querida Ritinha. Você mandou escrever um papagaio pra você. Eu quero o seu carinho e o seu coração para mim. Ai, Ritinha, te amo de coração. Eu quero ver você do meu lado para sempre perto da minha vida. Você está dizendo que eu não tenho atitude. Eu tenho sim. Não pode ficar discutindo amor. Você é muito nervosa, mas não pode ser assim. Eu também sou nervoso mas no mesmo tempo sei que é tudo porque isso é cadeia. Na rua é diferente. Eu quero que você dá uma cer-

teza que não vai ficar naquela miguelagem. Mas o meu coração está aberto todo momento que você quiser. Eu quero tudo de bom pra você. Eu estou no sufoco há 45 dias. Só você pode fazer esquecer tudo o que estou sentindo no meu coração. Eu quero ver uma parte para você na rua, não sei se você deseja a mesma coisa para mim mas você acredita em mim. Vai mil beijos cheios de amor, não sei se você quer. Vai um coração cheio de carinho e felicidade. Robertinho.

VOMITOU?

PAU NELE!

Clube, cinema, teatro, tv a cores. As crianças "carentes, abandonadas e infratoras" são bem tratadas pelo Estado? Doze crianças internadas na Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor) de São Paulo, com idades entre 7 e 14 anos disseram que já apanharam lá dentro ou já viram alguém apanhar por "desobedecer funcionários", "não se comportar" ou sem razão nenhuma. Perto de 40 mil crianças, distribuídas em 34 unidades próprias e 507 em regime de convênio estão sob os cuidados da Febem. Grande parte das 507 unidades são de propriedade do Sr. Oliveira Laet, ex-vereador. Dois ex-assistentes sociais da Febem falam a respeito dele:

— As meninas imploravam: "por favor, não me manda pro Laet"! E não tinha outro lugar pra mandar. O Laet era a única saída.

Para as unidades do Laet vão os casos de "desvio de conduta", só para meninas. Mas ele tem também sanatórios para doentes mentais, paraplégicos, meninos... ele cuida da miséria.

— Na unidade do Laet do Jaçanã (bairro de São Paulo) tem uma cadeira que é a primeira coisa que ele mostra pras visitas. Chama-se "cadeira hipnótica", importada dos Estados Unidos por um dinheirão. Essa cadeira é o seguinte: se a menina tem problema de drogas, por exemplo, ela vai sentar nessa cadeira todo dia por 40 minutos durante 30 dias. Ela senta, a cadeira começa a trepidar até a menina ficar mole... aí descem do teto dois fones de ouvido. Toca uma musiquinha suave, a menina está sonolenta... aí começa uma gravação. A que eu ouvi, mostrada pelo Laet (eu sentei na cadeira) era assim: "você está com sono... você vai dormir"... Depois de uns cinco minutos desse papo, a fita começa a falar do problema dela mesmo: "você nunca mais vai fumar maconha na sua vida, cada vez que fumar um cigarro de maconha você vai vomitar, vai ter a sensação de estar morrendo" etc, etc. Depois de um mês a menina sai, dão um cigarro de maconha na saída. Ela fuma e é claro, vai

- ACONTECEU NUM ORFANATO DO
- GOVERNO — NÃO FOI CASO ÚNICO —
- CRIANÇAS VÊM TV A CORES MAS
- APANHAM DOS FUNCIONÁRIOS —
- CADEIRA HIPNÓTICA PRA CURAR DA
- MACONHA — MENINAS RECEBIAM
- PROPOSTAS E ERAM APALPADAS —
- VOLTAVAM DO SANATÓRIO GORDAS
- E COM DENTES RUINS

Foto de Amancio Chioldi



ter aquelas sensações que estão na fita.

— Depois de um tempo a menina deixa a maconha e vai ter um desvio de personalidade: se não era homossexual, vira homossexual. Então é um tratamento que além de não curar o problema dela (porque não vai na causa) ainda dá outros tipos de desvios...

— Tem outro sanatório pior que o do Laet, que é o Vera

Cruz. O inferno de Dante é paraíso perto dele.

— Você sabia que o dono se suicidou?

— Tinha que se suicidar, né?

— Foi no ano passado, ele era psiquiatra — Renato Teixeira Mendes.

— A parte dos fundos do Vera Cruz era reservado para as meninas da Febem. Era um pátio, em volta do pátio havia umas celas (as meninas dormiam em celas). Ficava

uma funcionária sentada na porta do pátio com um pedaço de pau e as meninas o dia inteiro no pátio, sem nenhuma atividade. O pátio era menor que uma sala.

— As meninas saíam de lá obesas de tanto não fazer nada e tomar remédios, choque elétrico.

— Entravam com dentes bons e saíam com dentes ruins, com tique nervoso. Acompanhei vários casos que foram pra lá e depois voltaram, deu pra saber bem. Uma psicóloga testava o QI das meninas: depois de passarem no Vera Cruz o QI baixava.

— Voltando ao sr. Laet: ele tem sanatórios no interior também. Em Cabuçu era um sítio onde as meninas cuidavam de porcos. Tavam depositadas lá trabalhando pra ele. Não tinha tratamento nem ensino.

Esses funcionários estão fora da Febem há dois anos. Mas em dois anos a situação não deve ter mudado muito. Para se ter uma pequena idéia do que acontece lá dentro (ou acontecia) aí vão três relatos extraídos dos arquivos da entidade:

São Paulo, 30 de setembro de 1974

Ilmo Sr. Diretor
Comunicamos a V. S^a que em 27 do corrente fomos procurados pelo encarregado do Plantão Masculino, Sr. Naur Rodrigues, o qual nos informou que as menores Márcia Maria Conceição, Sebastiana da Silva e Cirlei Dias lhe fizeram queixas de estarem recebendo propostas imorais por parte do funcionário Marcílio Stopa. a) assistente social.

São Paulo, 11 de junho de 1974

Sr. Diretor
O menor Antônio Carlos Rodrigues estava sentado no banco, em frente à sala da encarregada do pavilhão, visivelmente passando mal. Perguntamos o que tinha e ele respondeu que havia sofrido um ataque e em seguida vomitou no chão.

Neste momento, a funcionária Eunice Augusta Martins Gasparello, servente, avançou sobre o menor aos gritos, batendo com um pedaço de pau em suas pernas.

Presenciando tal cena, não poderíamos deixar de intervir em favor do menor e dissemos à funcionária que não iríamos admitir tal atitude. A funcionária avançou em nossa direção, ameaçando com o pau, dizendo que batia mesmo.

Sr. Diretor, nenhum acontecimento, seja qual for, justifica tal atitude. A própria situação do menor aqui internado já é lastimável e agressiva à sua condição humana. a) assistente social.

São Paulo, 1º de outubro de 1974.

Ilmo Sr. Diretor
Comunico a V. S^a que na data de hoje fomos procurados pela menor Alvacir Rosa da Cunha, pt. 18235A, a qual nos informou o que segue:

O funcionário Agostinho Bustelli vem procurando-a, enquanto a menor presta serviços no pavilhão C, fazendo-lhe propostas imorais.

Disse ainda Alvacir que o referido funcionário costuma penetrar as mãos através do muro de tijolos vazados que dá para o pátio do pavilhão feminino, para pegar nas meninas, o que geralmente consegue. Por este mesmo muro faz suas propostas e diz palavões às meninas, prometendo levá-las para sua casa a fim de viverem juntos.

Alexandre Cesário Rodrigues, 13 anos, internado na Febem pela terceira vez (preso com um menino que carregava maconha) acha que a coisa mais errada do mundo "é ficar preso. Tá louco sô! Eu gosto é de liberdade. Nenhum passarinho devia ser preso. Preso aqui, o coração parece que fecha."

Das outras vezes você foi preso por que?

— Ah, não sei, eu gostava de uma coisa, não tinha dinheiro pra comprar, queria muito. Aí me pegavam.

O que você acha da Febem?

— Não gosto de ficar preso, nem de apanhar, às vezes a gente não tá fazendo nada, leva tapa na cara, tudo uns ignorantes.

E sobre o Brasil, o que você pensa?

— O Brasil, não gosto muito, não. Muito prédio, muita poluição. Que a mãe mata, selva pra gente por nadar no rio, sem polícia, sem mortes.



O bom da Independência: nenhuma gota de sangue

"Escola é um caminho pra você se realizar na vida. Você vai adquirindo conhecimento pra subir na vida. A gente amplia a mente, consegue viver num grupo. Em casa você é só um filho. Na escola são 30.

"Só não gosto dos dias de prova! E tem dias que eu tô com raiva dos professores e tem dia que adoro eles.

"A matéria que mais gosto é Artes Plásticas. De História a gente aprende História Universal.

"Do Brasil, o que mais gostei foi da independência porque não teve derramamento de sangue. Aprendi o relevo, clima, todos aquelas serras. Sei mais ou menos de cor."

(Maria Marta, 12 anos, 5ª série)



Foto de Ricardo Giraldez

As vezes tem raiva dos professores



Foto de Ivone Parente

Na aula, elogios ao Brasil

Quer servir o Exército antes da guerra começar

Silvio Aparecido Lopes tem 12 anos, estuda na 4ª série e mora no Lar Infantil Português:

O que você vai ser quando crescer?

— Primeiro tenho que terminar meus estudos, depois servir o Exército e lutar pelo Brasil

Como assim, lutar pelo Brasil?

— Assim, quando tiver guerra eu já servi o Exército.

O que você acha da guerra?

— Acho que é ruim matar as pessoas, acho que não devia ter guerra.

O que você acha mais certo?

— É trabalhar, repartir o que a gente tem de bastante com quem não tem.

E o mais errado?

— Roubar das pessoas e ter inveja.

Qual sua opinião sobre o Brasil?

— É um país muito bom, progride muito.

Onde você aprendeu isso?

— Na escola, na aula de Estudos Sociais.

Tem medo de alguma coisa?

— De um dia a gente não poder trabalhar, ser raptado, uma pessoa obrigar a gente a matar, mas eu não tenho medo de morrer

O que acha dos adultos?

— O adulto pode obrigar as crianças a fazer o que eles querem porque são mais fortes, mas acho errado um adulto bater nas crianças

Aviãozinho de papel já rendeu Cr\$24 mil

Convidado pela diretoria de sua escola — o Centro Educacional Benedito Fagundes Marques — a se inscrever no concurso de símbolos para a Semana da Pátria, o garoto resolveu por em prática as habilidades já festejadas no seu tempo de Juizado de Menores — passou seis anos internado, após a morte do pai — e aprimoradas num cursinho por correspondência feito ano passado — a Cr\$ 150,00 por mês. Desenhou um avião verde e amarelo, o velho modelo de avião que, de tão famoso, não tem nome nem autor — é só aviãozinho.

E o avião venceu eliminatórias municipais, colecionou medalhas e troféu na seleção estadual, viajou a Brasília para a grande peneira nacional e está perto de se tornar o símbolo da Semana da Pátria, autêntico sucessor do catavento na festa do próximo Sete de Setembro.

"Foi justamente o catavento" — explica Adalgio Ribeiro de Paula, 16 anos — que meu a idéia. Pensei: no ano que vem vai ser um aviãozinho, um avião de papel, igual ao que a gente faz pra jogar da janela. Daí falaram do concurso, eu achei que podia contribuir dum jeito desses e fiz..."

Adalgio mora numa fazenda, a 45 quilômetros de São Paulo, a fazenda São Roque, propriedade da Secretaria do Bem-Estar Social, onde seu padastro trabalha.

— Se eu sei pra que vai servir o aviãozinho que eu desenhei? Não, não sei não. Acho que é pra Semana da Pátria. Foi o jeito de participar. Agora, o que vão fazer com o aviãozinho eu não sei mesmo.

Os pais também não parecem saber. No momento estavam preocupados em ir até a cidade de Franco da Rocha receber os primeiros mil cruzeiros do prêmio total de vinte e quatro mil, juntados até agora pelo avião de papel do Adalgio. Que vai permitir também uma viagem do Adalgio e seu padastro a Brasília para receber o resto do prêmio.

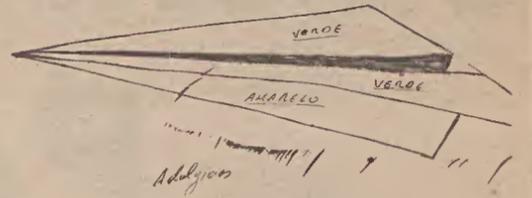


Foto Ricardo Goncalves



Adalgio não sabe por que fez o avião

— Eu não tô muito por dentro das coisas. Nem as outras pessoas. A maioria das pessoas ficam mais preocupadas com outras coisas, a única coisa que elas querem é se divertir, não ficar com problema. Acho que todos deviam discutir, falar, pra resolver todo mundo os problemas. Mas no Brasil é difícil, a gente vê no noticiário. O Brasil não é um país muito livre. É difícil participar, a gente tem vontade, participa como pode, mas é difícil.

— Quero ser engenheiro, mas vai ser difícil. Filho de pobre não tem condição de estudar, precisa ir logo pro trabalho.

Comunismo apavora criança

Wilson dos Santos Moreira, 9 anos, diz o que acha do Brasil:

"É um país bom, livre, aqui não tem comunismo."

E o que é comunismo? É ruim?

"É ruim, sim, meu pai falou, no comunismo a gente tem que estar sempre do lado do governo, o governo manda fazer tudo o que ele quer, senão vai preso."

E no Brasil? Dá pra fazer o que se quer?

"Hum... Hum... acho que dá, não dá?"

Você é quem sabe.

"Ah, nem sei..."

Você sabe quem é o presidente do Brasil?

"Ernesto Geisel."

O que você acha dele?

"Ele faz todo mundo ter todas as coisas iguais."

Como assim? Quem tem coisas iguais a quem?

"Ah, não sei direito não, mas é que ouvi uma vez a professora dizer iss."

Engenheiro do ano 2000 sofre por causa da mãe

Cássio Augusto Rossi, 12 anos, estuda na 6ª série.

— Mas que tipo de pergunta você vai fazer? O que você tá querendo saber?

Bem, primeiro eu quero saber se você tem medo de alguma coisa. Você pode responder?

— Depois cê vai perguntar pra outras crianças também?

Vou, mas agora me responde: de que você tem mais medo?

— Bom, tem uma coisa que sempre penso e não gosto, tenho mais medo que minha mãe morra, não vou gostar nada.

Qual a coisa que você mais gosta-de fazer?

— De jogar bola, de futebol.

Você tem acompanhado os jogos da Seleção Brasileira pela TV?

— Não perco quase nenhum.

Os adultos, qual a sua opinião sobre eles?

— Minha opinião? É que tem alguns que são chatos, vivem brigando com as crianças, que não podem fazer nada porque

o adulto já vem implicando, isso é chato.

O que você acha que o adulto faz de mais errado?

— Bom, acho que quando o adulto mata pra roubar, quando faz as guerras, bate nos mais fracos, quando ele é ruim é errado, né?

O que você acha da polícia?

— Acho que é pra defender, tomar conta.

Você sabe quem é o presidente do Brasil?

— Geisel.

E o que faz um presidente, você sabe dizer?

— O presidente é o que manda mais que todo mundo.

O que você vai ser quando crescer?

— Engenheiro.

O que você acha mais certo?

— Acho que é a pessoa ser honesta e não matar.

Costuma ler?

— Eu leio, gosto de gibí e dos livros da escola.

E qual o programa de TV que você mais gosta?

— Prefiro o Sítio do Pica-Pau Amarelo e o Silvio Santos.

CRIANÇA QUER AUMENTO



Foto Jesus Carlos

Severino, o de bonê, quer entrar no sindicato quando crescer

Metalúrgico pede salários iguais pra todos

"Greve é justo, a depender da razão. Quando atrasa muito o salário e quando não tem segurança no trabalho. Principalmente. Para pedir aumento acho besteira, a não ser que a pessoa esteja ganhando muito, muito mal. Quando crescer, vou entrar num sindicato.

"Se eu pudesse fazer um pedido aqui na fábrica, pedia para os garotos menores ter direito de trabalhar nas prensas, em vez de só escolher tubos ou trabalhar na maquininha. Nas prensas é mais gostoso, mas só botam os meninos maiores. Na maquininha cansa muito: a gente tem que por a peça e bater com a mão, por nas caixas. As peças são muito pequenas.

Quer ser Jesus Cristo mas só ganha micharias

"No Brasil acho errado o salário. Não precisa ninguém comentar, eu mesmo reparo. A gente trabalha, trabalha, chega no fim do mês recebe micharia.

"Eu queria conhecer todos os países mas se fosse escolher entre Estados Unidos e África eu preferia África, por causa dos pretos, árvores, folclore, tudo isso lá é muito rico. Eu ia conhecer a origem da minha raça. Na África os pretos são livres. No Brasil tem preconceito contra os pretos, mas muito, muito, não.

"Já sofri racismo. Em Jundiá, SP, na primeira

"Acho que nenhum país é rico mesmo, nem os Estados Unidos. Eu entendo por rico quando um país só tiver uma classe social e todo mundo for igual. Um país rico dá tudo o que o povo quer: conforto, habitação. Os Estados Unidos tem alguma riqueza, mas lá também tem fome, deve ter menos que no Brasil, mas também tem muitos problemas.

"A Rússia deve ser o maior país do mundo em tamanho, e pelo que já ouvi falar deve ser muito bacana porque os trabalhadores são mais bem tratados. Na Rússia, pelo menos, não tem guerra. Os Estados Unidos só quer guerra nos países dos outros, bomba, só quer fazer mal para a humani-

dade. escola que estudei. Ninguém dava bola pra mim porque eu era o único preto. Eu sentia um negócio muito ruim, já pensou o que é isso? Queria entrar na brincadeira, não podia.

"Nós negros, somos tão bonitos quanto os brancos. Não é todo mundo que reconhece isso mas ainda vamos ver esse dia, não acho que vai ser sempre assim, seria impossível.

"Eu queria ser mesmo sabe quem? Jesus Cristo. Mas não posso." (Emerson, 14 anos, entregador)

dade.

"No Brasil deve ter fome, nessas favelas por aí. O Nordeste é uma região muito pobre e seca. O governo devia ajudar eles a vir pra São Paulo, muitos saem do Nordeste só com a roupa do corpo. Por isso nem arranjam emprego.

"Se eu fosse presidente eu pedia igualdade de salários pra todo mundo justiça, harmonia, direitos iguais para todas as pessoas, pra todo mundo ser igual mesmo, acabar o rico e o pobre, o preto ter os mesmos direitos que o branco e a mulher o mesmo direito que o homem."

(Severino Gomes da Silva, 13 anos, metalúrgico, Cr\$ 1300 por mês)

Salário anda pra trás

"Existe gente pobre por uma espécie de egoísmo de nós mesmos. A gente é egoísta porque não dá um jeito de fazer os outros deixar de ser pobre. Um dia pode ser que não seja assim, se a humanidade melhorar não vai ter mais pobre.

"O Brasil é um país bom, aliás, mais ou menos: não tá ainda totalmente feito. Tinham de acabar com a poluição, ter mais árvores, como na Amazônia. O salário também tá ruim. Esse aumento que teve agora foi uma miséria: só 41%." (Marcos, 14 anos, bóii)

Órfão diz que greve tá certo

"Se não existisse operários a gente não tava aqui não existia casas. Eles ganham um salário que não dá pra nada, mas vão se virando, coitados.

Aí acho que greve tá certo. No Brasil, o problema que tem é o salário. É muito baixo.

"O Brasil é o país mais alegre que existe, a Alemanha é que impõe mais ordem e nos Estados Unidos é onde tem mais liberdade. Os Estados Unidos é o país que eu mais queria conhecer, por causa da propaganda. São muito ricos, mas não tão evoluídos quanto a China. O chinês é crânio. O americano inventa uma televisão de tamanho razoável, o chinês inventa uma de bolso.

"A Rússia é que é um país muito ruim porque lá tem os alemães, como Hitler. Lá na Rússia todos os homens são muito ruins, assassinos."

"Sei que em 1964 teve uma revolução no Brasil. Parece que o Brasil ganhou. Não sei contra quem. Revolução é quase igual a guerra só que na revolução um país se revolta contra outro. Na guerra, os dois países querem brigar. Guerra é um negócio muito chato, o mais ridículo que pode existir. Deus me livre de ir



Foto Amancio Chiodi

O Brasil é o país mais alegre que existe

pra uma. O Brasil não gosta de guerra. Só entrou uma vez. Contra a Bolívia, se não me engano.

"Quase sempre tô muito triste. Não gosto muito da vida que levo. Gostaria de viver em outro lugar, viver mais livre. Tira liberdade ter que ir pra firma trabalhar, (Sérgio Ricardo Venâncio, 13 anos, bóii desde que o pai morreu)

Engraxate adverte: bilhões vão acabar

"No Brasil não tem liberdade porque não podemos fazer o que a gente quer. Eu mesmo não posso ficar na rua depois de 10 da noite. E tem muitos de maior que não quer ficar na rua porque pedem logo os documentos.

"No Brasil tem fome porque alguns são desocupados, outros vagabundos, podem trabalhar mas não trabalham. O governo só podia fazer pela fome era inventar um tipo de creche, primeiro para os menores, para quando crescerem já ir pensando num futuro melhor.

"Os mendigos também podiam se melhorar, tomar banho num rio, pedir roupa a alguém e ir procurar serviço.

"Dos ricos não acho nada. Aqueles que têm alguma coisa a mais que nós não adianta, mais cedo ou mais tarde podem ficar igual a nós. Não adianta eles darem uma de orgulhoso. A riqueza não vai durar, mesmo se tivessem uns bilhões.

"Me contaram a história de um dono de cinema que ficou gastando o dinheiro com mulher, perdeu tudo, hoje tá mendigo. Acontece isso com todo rico. A pessoa deve ser humilde. Rico só arruma intriga, não tem amizade com os outros, nem com os pobres nem com os ricos."

(Fernando Luis dos Santos, 13 anos, engraxate)

Clodoaldo Lobo

IMOBILIÁRIA COMPROU TERRENO DE MÃO BEIJADA. GOVERNADOR FOI CORRETOR DA
 TRANSAÇÃO. TRANSFORMARAM LAGOA EM PROPRIEDADE PARTICULAR E FIZERAM
 LOTEAMENTO. PLANO QUE FERRE CONSTITUIÇÃO FEDERAL APROVADO PELA
 PREFEITURA. SÓ RICO ENTRA NA PRAIA OCUPADA. PESCADORES DESPEJADOS DOS
 BARRACOS. PROJETO SOFISTICADO VAI POLUIR O MAR DE ITAIPU.



VENDERAM A LAGOA

Nos últimos meses tem aparecido com freqüência na grande imprensa matérias e reportagens sobre o Novo Paraíso, localizado (as matérias, por coincidência, sempre frisaram isto) a vinte minutos de Niterói, trinta do centro do Rio e 45 da congestionada Ipanema. Na verdade, estas matérias têm por função criar uma expectativa na opinião pública em relação a Itaipu, onde está sendo implantado um imenso projeto de urbanização que, em quinze anos, levará para lá 100 mil novos habitantes, pessoas cansadas da vida neurótica do Rio e Niterói.

Só que a implantação da Nova Itaipu está sendo feita às custas da destruição das reservas ecológicas, da desfiguração e ocupação ilegal de uma lagoa, da poluição (pelo lançamento de esgotos) de uma praia até hoje limpa. E o que é mais grave: com a urbanização virá a expulsão daqueles que melhor conhecem Itaipu, os pescadores, que estão, hoje, vivendo sob terror, esperando o momento de serem expulsos.

A abertura de Itaipu aos negócios das imobiliárias (Veplan-Residência) vem coroar um longo processo de ocupação cheio de lances até hoje pouco explicados, principalmente no que diz respeito à posse e propriedade dos terrenos, e aos sucessivos loteamentos ilegais. Só para dar uma idéia, até mesmo o meio da lagoa foi loteado.

Itaipu é um centro arqueológico riquíssimo. Antigo sítio dos índios Tamoio,

antigo recolhimento dos jesuítas e freiras Carmelitas (lá existe uma igreja construída em 1716, hoje em ruínas). Um relato da época conta: "Esta é uma terra maravilhosa, habitada por garças brancas e vermelhas, repleta de animais silvestres e de caça, com matas, cachoeiras e um mar permanentemente azul."

Até meados deste século Itaipu era um pacato e próspero povoado de pescadores, que mantinha poucas ligações com o centro maior, Niterói. As coisas começam a mudar em 1945, quando por lá apareceu um senhor chamado Francisco Pizarro da Gama Lobo. Ele simplesmente se apossou — com a ajuda de duvidosos documentos de propriedade — de 9 milhões de metros quadrados de terra, ou seja, toda a baixada de Itaipu, Cambinhas, Fazendinha, Itacoatiara, as faixas de areia, a montanha em volta, a lagoa. Seus projetos de loteamento não foram aprovados pela Prefeitura, na época, por falta de embasamento legal. Mesmo assim, ele começou a vender lotes no local, nas caras da Prefeitura. Entre estes, 802 lotes "subaquáticos", situados dentro da lagoa de Itaipu. Em 1962, quando vários proprietários destes "lotes" vão à Justiça, Pizarro procura o então prefeito de Niterói, Dalmo Oberlaender: — "Ele fez a proposta ao meu pai no sentido de aterrar a lagoa para dar posse às escrituras pois os compradores já haviam caído no conto do vigário." Quem conta a história é Ricardo

Oberlaender, filho do ex-prefeito, atual vereador pelo MDB niteroiense. "O Pizarro propôs ao meu pai, como último cartucho, que eles rateassem meio a meio os lucros da venda destes lotes."

Em 1973, com a Ponte Rio-Niterói deixando aos poucos de ser um sonho, a Veplan-Residência adquiriu por cerca de 400 milhões de cruzeiros os direitos de posse (até hoje duvidosos) que Pizarro tinha sobre Itaipu.

O corretor da transação foi o ex-governador Celso Pessanha. Em 1975, a Veplan apresentou à Prefeitura um projeto de urbanização da região (são exatamente 7 milhões e 234 mil metros quadrados, sete vezes o tamanho do Parque do Flamengo, a mesma área do município de Nilópolis). Os planos eram de autoria do arquiteto Harry Cole, que, em seu currículo, tem os projetos das atuais estações do bondinho do Pão de Açúcar, também conhecidas como "tartarugas roxas", e do Centro Cândido Mendes, um espigão de 44 andares sem garagens, que está sendo erguido na Praça XV, por detrás de um antigo convento colonial, tombado pelo Patrimônio.

O plano apresentado previa a privatização das margens e do interior da lagoa, o que vai contra o artigo 5º da Constituição Federal, segundo o qual as margens e o leito de rios, lagoas e praias são propriedade do povo e, como tal, não podem ser privativos. O então prefeito Ronaldo Fabrício não aceitou os planos

da Veplan, e constituiu uma Coordenadoria de Planejamento Urbano para estudar futuros projetos para a região.

Segundo Ricardo Oberlaender, "no período antecedente às eleições do ano passado havia muita especulação na cidade, no sentido de que a Veplan iria investir em candidatos a prefeito e a vereador para que tivesse seus projetos aprovados pelo futuro prefeito, porque o de então, Ronaldo Fabrício, estava irredutível na sua negação."

Nessa época a Veplan construiu e deu de presente à "comunidade de Itaipu" um novo prédio para a delegacia de polícia. Doou à Prefeitura cinco áreas de 7 mil metros quadrados cada, para a construção de escolas. Finalmente, a cartada mais importante: a Veplan propôs pagar a instalação dos serviços de água, luz, esgotos, gás e telefone para toda a região que, não custa lembrar, é maior do que muito município por aí. Isto significaria — segundo os "press-releases" da Veplan publicados na época pelos jornais niteroienses — um investimento de 40 milhões de dólares, mais do dobro do atual orçamento de Niterói.

Mas a Prefeitura queria mais e exigiu também, no projeto final, a reserva de uma área de 108 mil metros quadrados para a construção de um hotel e demais "equipamentos turísticos."

Nessa época um dos membros da Coordenadoria de Planejamento Urbano diria: "Nunca o governo exigiu

tanto de uma instituição privada."

Os convênios para a implantação do Plano Estrutural de Itaipu (que dizia respeito à infra-estrutura de serviços) é assinado em 3 de novembro de 1976, e o Plano Veplan, em sua totalidade, é aprovado no dia 31 de janeiro de 1977, em pleno recesso parlamentar, último dia do governo Ronaldo Fabrício, e o primeiro do novo prefeito Moreira Franco.

As ilusões de que a natureza seria respeitada começam, já em outubro passado, a ficarem soterradas pelas esteiras dos grandes tratores. Em outubro de 77, começa o trabalho de derrubada de árvores e terraplanagem de grande parte da lagoa, onde serão construídas 123 marinas para a atracação de iates de luxo. Mais da metade das margens da lagoa será mesmo privatizada, entregue a quem possa comprar os lotes vendidos pela companhia imobiliária. (A privatização de metade de uma lagoa é tão ilegal e inconstitucional quanto a de uma lagoa inteira.)

As praias de Itaipu e Cambinhas (na verdade uma praia só) foram divididas por um largo canal de pedra.

"Constitui-se um fato inédito — diz Ricardo Oberlaender — pois uma praia foi dividida em duas, e o que é pior, sem ligação, pois do projeto não consta uma ponte sobre o canal. Não se permitirá à população passar de





"A Veplan é uma grileira com capital"

Joge de tal, funcionário da Veplan, não quis aparecer em foto nem dar seu nome todo mas falou com gosto sobre a obra da imobiliária na Lagoa:

— Vocês tão com cara de quem é de algum jornal importante, vocês são da Manchete, do Globo? Isso aqui vai ficar muito bonito quando tiver pronto.

— Mas eles tão aterrando a lagoa.

— Ah meu filho, mas isso é assim mesmo. A Veplan é uma grileira como os outros, só que cheia do capital, toda poderosa. Tá cheio de almirante, brigadeiro na transação, gente importante. Eu não sou comunista, não, sou revoltado porque tem muita terra por aqui e pouca gente tem ela (Jorge tem um pequeno terreno próximo das obras). Vocês não querem defender a gente, não?

— Como assim?
— Vocês se candidatam, a gente vota e vamos agitar lá na Câmara. Só não pode trair a gente.

uma praia a outra, a não ser que se dê uma volta quilométrica em torno da lagoa para atingir Cambinhas."

A praia de Cambinhas — a mais deserta, limpa e bela da região — está sendo expropriada, e ficará inacessível aos atuais moradores de Itaipu (pescadores e pessoas de classe média-baixa que lá construíram suas casas), sendo ocupada por pessoas que morarão em casas de alto luxo, farão suas compras em centros comerciais exclusivos, e frequentarão clubes sofisticados.

O gabarito de construção na região, que era de dois andares, foi alterado em função de uma "taxa de ocupação de terrenos", dispositivo jurídico conhecido por dar às imobiliárias condições para construir espiões.

Do projeto atual não consta a construção de interceptor oceânico, o que quer dizer que os dejetos serão despejados na praia mesmo, "in natura". As plantas do sistema de esgotos e águas não foram aprovadas pela CEDAE, órgão estadual encarregado do assunto. E, ao contrário do que foi divulgado na época da assinatura dos contratos, a SERLA — Superintendência de Rios e Lagoas — enviou mensagem à Câmara dos Vereadores afirmando que não deu licença para as obras de aterro e dragagem que estão sendo feitas na lagoa.

Para as pessoas que compraram terrenos em Itaipu, os

problemas começaram, conforme explica Ricardo Oberlaender: "Discute-se ainda a posse destes terrenos, todos oriundos do tempo do Pizarro. Acontece de muitos proprietários irem à Prefeitura pagar seus impostos, e os recibos vêm em nome da Veplan-Residência." Mas quem tem sofrido de forma mais intensa as pressões das imobiliárias são os pescadores que, há muito tempo, vivem e trabalham no mar de Itaipu.

"Existe um processo chamado de expulsão econômica, onde o pescador, não ciente das implicações dele sair do local, por desconhecer que ele está sendo expulso desta orla marítima, muitas vezes ele vende as instalações que ele tem."

Sentado na varanda da casinha onde funciona a colônia de pesca de Itaipu, Luiz Antônio fala dos pescadores com a convicção de que, como representante do Plano de Assistência à Pesca Artesanal da Secretaria de Agricultura, ele é o único intermediário entre os pescadores e as autoridades municipais e estaduais.

— "Nós fazemos um trabalho aqui todo voltado para a manutenção do pescador na região, porque se o pescador não puder viver junto à praia, na guarda e manutenção de seus equipamentos de captura, ele não pode continuar na atividade. A pesca depende da presença constante do pescador na praia, pois tudo depende do

controle das variáveis de tempo, do vento, das marés, da temperatura da água. Então nossa atuação junto à Prefeitura de Niterói é no sentido de preservar a última área de Itaipu que resta, que é o Canto do Prato."

— "Itaipu já teve milhares de pescadores. Atualmente eles são 450, que vivem num eterno clima de terror, boatos, medo. O fantasma da remoção está sempre presente." É o que explica Gilberto, 18 anos, no mar desde os 10: "Eles vem com uma proposta, com dinheiro em cima, o pessoal que nunca viu dinheiro em quantidade, sai fácil, fácil." Gilberto aponta para uma extensa região deserta, além do canal de pedra que separa Itaipu de Cambinhas: "Vê aquela área ali? Tinha uma pá de barracos, pessoal nascido e criado ali. Eles davam cinco, seis mil, o pessoal ia saindo, se entregando à toa por dinheiro tão pouco."

Quando chega a madrugada e os pescadores se reúnem, esperando um bom sinal de cardume — garrafa de pinga rolando de mão em mão porque o frio da noite dói fundo nos ossos — o assunto da conversa é sempre o mesmo:

"Você conhece o Serginho, que morava logo ali, há mais de vinte anos? Despejaram, sem mais nem menos, dizendo que o terreno era deles".

"De vez em quando vai um homem do Stop (boate de "programa" construída em

plena praia, em terrenos de Marinha) na casa do Zequinha, dizendo pra ele sair porque ali é deles, dos donos do Stop. Mas eles são testade-ferro, porque o tal cara foi visto no escritório da Veplan. Tá é rolando dinheiro."

"Eu sou o último pescador que continua morando pra riba do canal, em Cambinhas. Moro lá há mais de vinte anos e nunca fui perturbado. Tem uns seis meses foi um homem lá dizer que eu tinha que sair, porque ali era da Marinha. Eu não sei o que faço."

A lagoa, revolvida, aterrada e deformada, não dá mais peixe ("Ali tinha muito camarão, dava robalo, bagre, até tainha. Hoje não dá mais nada"). O futuro da pesca de arrastão da beira de praia também não é dos mais promissores ("Eles vão abrir a lagoa, e a água do mar que é limpa, vai se misturar com a da lagoa e ficar preta. Pra certos tipos de pesca, como a do polvo, não vai dar mais. Sem contar o esgoto da praia. O progresso chegou pra estragar").

Luiz Antônio acredita que, mesmo com a rápida urbanização de Itaipu, a pesca artesanal ainda pode sobreviver na região, desde que sejam assegurados locais para moradia dos pescadores e guarda dos equipamentos, junto ao mar. Neste sentido, o Pescarte participou de vários seminários promovidos pela Prefeitura niteroiense: "Concretamente nós não

sabemos de nenhum resultado prático disto. Não tivemos acesso ao documento final. Só sei que a gente não encontrou nenhuma solução, nenhum órgão oficial que legitime a permanência dos pescadores aqui."

Também ao nível das possíveis atuações parlamentares as coisas não andam bem. Em março do ano passado foi instituída na Câmara dos Vereadores uma CPI para averiguar as irregularidades da especulação imobiliária. Apesar das promessas iniciais de que todos os fatos apurados seriam prontamente divulgados, até hoje a CPI não divulgou nenhum relatório.

Há alguns meses, em palestra na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, o atual prefeito niteroiense, Moreira Franco, disse que o "Plano Veplan foi aprovado, é totalmente legal, e não será mais revisto."

Para os pescadores que ainda resistem às ofertas da Veplan, resta o medo e a certeza de que, mais dia menos dia, as táticas visando sua expulsão vão mudar para pior: "Se eles tentarem invadir a casa de alguém aqui eles vão se dar mal. Porque se eles invadirem um barracão ali, eles vão ter que aturar o pessoal daquela casa lá; daquela lá de cima, daquela outra ali de baixo, a redondeza todinha."

PAULO FORTES

XEPEIROS

No final das feiras-livres, no lixo dos restaurantes, nos vazadouros da cidade. É, por aí que circula o xepeiro, buscando uma comida aqui e ali, um pedaço de papelão, garrafas ou qualquer outra coisa que puder vender aos garrafeiros ou donos de ferros-velhos. Atualmente com as proibições de acesso aos vazadouros, a atividade do xepeiro está praticamente restrita às feiras livres e restaurantes. Nos vazadouros, ainda se consegue alguma coisa, além da comida, mas é preciso burlar os guardas. A Comlurb cercou as áreas correspondentes aos aterros sanitários onde são despejados e reciclados cinco mil toneladas diárias de lixo da cidade. Os objetos, antes recolhidos pelos xepeiros, são agora da Companhia, que no ano passado teve um lucro de 190 milhões.



A gente não acha nem cebola podre. É umas verdurinhas só e mais nada. Hoje é tudo caído. No vazadouro eu nunca fui. Sou xepeira de feira mesmo. Tem muita dona de casa que é também.

Agachada, embaixo de uma barraca de feira, na Rua Felipe Camarão, no bairro carioca de Vila Isabel, Josefina diz que desde que perdeu o marido, há mais de dez anos, se alimenta dos produtos que sobram da feira. Ela mora no morro do Salgueiro para onde sobe com tomates, vagens, couves e alfaces para dar o que comer aos seus filhos.

Um dos 3.100 garis que limpam as ruas da cidade varre a Felipe Camarão, depois da feira. Carrega uma laranja no bolso e traz no rosto um cansaço, uma seriedade que contrasta com o famoso gari que aparece na televisão sambando com a vassoura na mão, num anúncio de uma loja comercial.

— Nem todo mundo dá sorte. A gente, nessa batalha, sofre. Pra mim, é melhor retirar lixo de restaurante. O homem adianta um bolinho de carne e uma talagada de cachaça no fundo do balcão, para agüentar o fedor. Salário? É esse mesmo que não dá pra nada. Às vezes, dá vontade de sair metendo bronca.

No vazadouro do Caju, próximo da avenida Brasil e da única favela da cidade erguida sobre palafitas, os

guardas não deixam os xepeiros entrar. Ali funcionará, em 1979, o Centro de Pesquisas Aplicadas, onde a Companhia de Limpeza Urbana estuda o aproveitamento dos gases dos aterros sanitários na produção de gás de cozinha, para abastecer parte da cidade do Rio de Janeiro. Para a construção do Centro foi assinado, no dia 11 de janeiro passado, em Brasília, um contrato no valor de 21 milhões e 300 mil cruzeiros.

— O remédio é agora salvar o estômago no final das feiras, pedindo comida nos restaurantes ou nos quartéis. Acabaram com o nosso ganha pão.

Quem fala é Maria da Ajuda. Acha que tem uns 50 anos, é natural de Campina Grande, veio para o Rio

quando era criança e viu quando os prédios da Ilha do Fundão começaram a ser erguer. Mora na favela Nova Holanda, na Av. Brasil.

— Tinha esse pedaço aí, que era tudo lixo. Depois aterraram. Fiz o meu primeiro barraco na favela da Maré com pedaços de madeira que peguei no monturo. Quando chegava uma carreta de lixo, a gente saía correndo para ver o que tinha. Tudo servia. Era uma briga danada com os urubus.

A noite, na deserta Estrada dos Bandeirantes, apesar do silêncio e da escuridão, os moradores da favela do Marino, ali perto, desafiam os guardas de segurança. Com velas, vão procurando objetos: garrafas, plásticos e papelões que as máquinas

não conseguiram esconder por completo.

— Conheço uma senhora aí da favela que no mês passado, quando começou as aulas, vinha aqui dentro. Ela me disse, envergonhada, que só estava fazendo aquilo para comprar cadernos para os filhos estudarem. Não me importei. Já fiz muito disso. Hoje está proibido.

Forte, de feições rudes, pai de 20 filhos, 32 netos, João José da Silva, de 59 anos, natural de Vassouras, trabalha na limpeza urbana há 30 anos. Cheio de disposição, como ele diz, João é do tempo em que a coleta de lixo era feita por carroça puxada a burro.

— Arranjei uns trocados catando coisa do lixo. Hoje, com essas áreas e toda essa química que fazem, o xepeiro

vai mesmo acabar. Não vai sobrar nada.

João trabalha sob as ordens do engenheiro Paulo de Castro Saldanha, verificando a balança onde são pesadas as carretas que, em quinze viagens diárias, derramam 500 toneladas de lixo da Zona Sul, das cinco mil toneladas diárias que são recolhidas em toda a cidade.

— O lixo da Zona Sul dá mais trabalho. É úmido. São restos de comida. O pessoal da Zona Norte não joga arroz e feijão fora, não é mesmo? O morador de Copacabana, Gávea, pode jogar um quarto de uma maçã no lixo. Um morador de um bairro distante só vai deixar a semente, certo?

Para Paulo de Castro, chefe do setor de acompanhamento de projetos da Comlurb, de cinco anos para cá a companhia melhorou muito os seus serviços, inclusive no tratamento do lixo. A Usina de Reciclagem, em Irajá, bateu recorde de produção, ao processar três mil toneladas de lixo em fevereiro, o que significa que foram retirados: 8.400 quilos de papelão, 5.850 de vidro escuro, 10.170 de vidro claro, 27 mil quilos de trapo, 7.130 de plástico duro, 12.600 de plástico fino, 52 mil quilos de metal ferroso (principalmente latas de cerveja e refrigerante), 900 quilos de metal não ferroso (chumbo, cobre e alumínio), e 2.892 quilos de lixo triturado que é vendido pela Comlurb.

TIM LOPES



Fotos: Aleyr Cavalcanti

UÉ?

TÁ DANDO PRA FALAR TUDO?

De repente, a gente começa a ver uns negócios aí pela imprensa e fica pensando: uns tempinhos atrás, coisas assim não deixavam publicar. E se publicasse, dava rolo.

O que é que está acontecendo com a pátria da democracia relativa?

O pessoal da máquina de escrever e o pessoal da caneta nanquim, mandando ver, esculachando, espinafando, tirando sarro de tudo que era sagrado até ontem. Todo mundo dando nome aos bois. Chamando a ditadura de ditadura, a tortura de tortura. Endireitando a semântica retorcida do sistema.

Deduas, uma: ou o sistema está tão fraco que não consegue mais calar a boca de todo mundo. Ou está tão forte e seguro de si que não teme um cartum aqui ou um artigo ali.

Claro que a gente ouve falar de arbitrariedade e intervenções. Afinal, elas são a regra. Isto aqui continua sendo o país onde não dançou conforme a música, o pau comeu.

Mas e as coisas que a gente anda vendo e lendo por aí?

Tem cara escrevendo cada coisa que a gente diz, ele chegou ao limite máximo. Mais um passo e os homens caíam em cima dele. No outro dia, a gente vê o mesmo fulano ou um outro dar um passo. Fecha os olhos para não ver a judiação. Abre devagar. Nada. O cara continua lá, metendo bronca.

Afinal, o que é que está acontecendo com a repressão neste país? Mixou? Brochou? Ou está só descansando o braço?

Um amigo meu acha que estão dando corda pra deixar o pessoal se denunciar. Eles estão tomando nota. Quando chegar a hora, eles só têm o trabalho de recolher a rede. Diz que no Chile foi assim.

Meu otimismo se recusa a aceitar uma explicação tão paranoica.

O fato é que, pela primeira vez, o sistema está se sentindo olhado. Analisado. Acompanhado. Uma opinião pública mundial já deixou bem claro o que acha da ilha de prosperidade cercada de desenvolvimento e segurança por todos os lados. E a opinião do big boss lá de cima não é de desprezar.

O isolamento da cúpula dona do poder não é mais tão esplêndido como o da Inglaterra.

Quanto maior seu isolamento, mais descontentamentos se manifestam em todos os setores. Mais resistências. O consenso sobre o qual se apoiou o sistema vai se dissolvendo.

A gente sente qua ainda faltam muitas horas pra noite acabar.

Mas se ainda não se enxerga a luz no fim do túnel pelo menos tem uns caras aí riscando fósforos.

A paranóia planejada que se chama auto-censura ainda é responsável por muitos silêncios culposos e dolosos que a gente comete, isso é verdade.

Não, mas espera aí. Como é que você sabe que não dá pra falar, se você não fala? Cada um tem que começar a falar mais alto, dizendo tudo o que tem que ser dito.

É, mas a gente nunca sabe numa dessas...

Bobagem. O sistema está ligando menos para essas coisas de liberdade de expressão. Eles devem estar preocupados com alguma outra coisa. Política, economia, sei lá. É isso que me dá medo. E quando eles pararem de se preocupar com essa outra coisa a gente não sabe que eles vão se preocupar de novo com o que a gente diz.

Um outro amigo meu acha que esse arzinho de permissividade é só pra deixar a gente mais cabreiro.

Gozado, só de dizer essas coisas todas eu já estou começando a ficar mais cabreiro. Grilado. Ouvindo passos no corredor. Vozes no quintal.

Preciso dar um jeito nos meus nervos. Por ordem nas idéias. Ficar frio.

Depois, esse negócio de liberdade de expressão é barato de jornalista e intelectual da classe média.

A liberdade que interessa mesmo é o direito de greve, o fim do arrocho salarial, o salário negociado, a autonomia dos sindicatos.

Pois é, mas como é que a gente vai falar dessas coisas sem liberdade de expressão? Falar não resolve nada. Você já viu liberdade dada na bandeja?

Pronto. Já estou esquizo-neurótico de novo, a cabeça cheia de perguntas. A menos séria é:

— Onde fica a saída?

Paulo Leminski, Curitiba, PR

SOLIDARIEDADE

• “Venho com esta carta solidarizar-me e manifestar o meu repúdio completo à vergonheira que anda acontecendo. Li uma nota na Folha de São Paulo, onde o Comitê da Imprensa Independente denuncia ação contra os jornais. O Comitê deve continuar denunciando para que todos saibam e assumam essa luta, que deve ser de todos: pela imprensa mais livre e, sobretudo, mais respeitada.

É incrível que fiquemos quase sem jornais porque alguns sabidos que julgam eles serem prejudiciais à nossa “ordem”, sem ao menos lerem, vetam os jornais, na maior cara dura.

E para todos os que clamam por direitos humanos respeitados, têm aí mais um dissabor, um fato que vem inflamar mais os que estão na luta. Não podemos nos desesperançar. Isso não vai poder ficar assim. Que vocês todos se unam e nós, os interlocutores, nos uniremos a vocês. E que a luta seja uma só. (Rosemeire Teles de Souza, São Paulo, SP).

• Companheiros. Creio que não há maior violência que tirar do cidadão o direito de exercer, com dignidade, a profissão que escolheu. É o que a censura está fazendo com vocês (nós). Por falta de coisa melhor, nossa solidariedade (a vocês, é claro). (Cineas Santos, Livraria e Editora Corisco, Teresina, PI).

Coleção REPORTER

Tendo tomado conhecimento de sua difícil situação e com intenção de ajudá-lo da maneira que posso, gostaria de receber pelo reembolso postal os cinco primeiros números de seu excelente jornal, apesar de já possuir alguns deles. (Marcos Rodrigues Isaías, Brasília, DF)

• Vão seguir. Por falar nisso, é bom dizer que estamos vendendo os cinco primeiros números do REPORTER (do Zero ao 4) ao preço de 40 cruzeiros. Pedidos por reembolso postal.

Rosalice: vítima de trama política

A Sra. Rosalice Fernandes Parreiras, eleita por Volta Redonda, tendo na sua votação a participação maciça dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional e do povo do Município de Volta Redonda, foi presa no dia 28 de março, quando saía de uma gráfica portando vários exemplares do Boletim do Departamento Trabalhista do MDB, de Volta Redonda. Presa, nessa ocasião, a Sra. Rosalice Fernandes viu-se então acusada de infringir a Lei de Segurança Nacional por portar um Boletim legal, de um Departamento legal, de um Partido legal criado pelo Movimento Militar de 1964 e, portanto, dentro das leis do próprio regime vigente no País. E, mesmo assim, pelo fato da Sra. Rosalice ter sido eleita numa campanha clara de defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, numa campanha claramente de oposição, a Sra. Rosalice se viu envolvida numa trama para impedir que ela assumisse o seu mandato como lhe era de direito. Segundo o voto do Ministro do Superior Tribunal Militar, General Rodrigo Otávio, contestando as acusações disse:

“A Sra. Rosalice Parreiras foi vítima de uma trama política para impedir que assumisse o mandato de Deputado Estadual, no Rio de Janeiro.”

Num processo de fazer vergonha ao mais leigo dos Tribunais, a Sra. Rosalice Fernandes Parreiras será impedida de assumir o mandato a que tem direito e será impedida de concorrer às eleições de 1978 para qual não temos nenhuma dúvida já estaria eleita.

Na acusação que lhe moveu a promotória, não encontrando argumentos suficientes, examinado o folheto apreendido nas mãos da Sra. Rosalice Fernandes, o Promotor da Justiça disse: “Aparentemente nada continha”, acrescentou que nas entrelinhas estava uma ordem de sublevação, ou seja, a Sra. Rosalice Fernandes Parreiras foi condenada por suspeita; faltaram provas necessárias; foi uma condenação em clima de subjetividade, com ausência de provas, baseada em determinados pontos de vista políticos.

Vereador Antônio Carlos Carvalho. Discurso na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

“PARABENIZO-LHES PELA FIDELIDADE COM QUE VEEM SEGUINDO VOSSA LINHA DE PUBLICAÇÃO, APESAR DE TODOS TRONCOS E BARRANCOS”

Alvaro Lima Machado, Rio de Janeiro, RJ

A vida é legal e bem temperada

Em primeiro lugar quero dizer que estou contente por ter surgido um jornal assim tão forte, que, com apenas cinco edições, já fixou sua marca no jornalismo brasileiro.

REPORTER, apesar de muito jovem, já é forte, como demonstrou em sua recente luta com a censura; apesar de muita corrente contrária, seu barco vai subir Rio acima (ou Rio abaixo, pois seu itinerário é todo esse imenso país com 110 milhões de passageiros/leitores, tirando a porcentagem dos que não sabem ler) com seu leme seguro.

Em segundo lugar, queria dar uma humilde sugestão: por que vocês não abrem um espaço no jornal para os chamados escritores marginais, esses que apesar de não terem acesso aos meios de divulgação, continuam com a vontade louca de escrever?

Se vocês acatarem minha idéia do leitor/escritor, sei que muita gente vai ficar feliz, inclusive eu, que, por vias das dúvidas, vai logo aí uma humilde contribuição (uma historietta anexa). (Carlos Diniz Peixe, Rio de Janeiro, RJ)

"ERA UMA VEZ..."

Era uma vez uma menina muito meiga e doce chamada MARME L. ADA. Essa menina era tão doce, mas tão doce, que, quando saía à chuva, virava garapa.

E a menina cresceu com o passar dos anos. Criou formas de mulher bonita, tinha até pinta de miss universo!

Um dia ela conhece um rapaz muito simpático com o nome, apesar de pouco comum, também belo. Chamava-se SONRISAL GADO. E foi amor à primeira vista. Num só dia eles namoraram, gostaram-se e foram para o casamento; depois de ter ficado noivos, é claro. Nove meses depois, vem a primeira e única filha, que logo batizaram com o nome de V. IDA.

V. IDA é uma menina que, pela lógica natural das coisas, é uma mistura do pai com a mãe.

Porisso acho a Vida legal e hoje entendo porque ela não é assim tão amarga, pois, com uma pitada de sal daqui, e uma colher de açúcar dali, a gente vai levando esse bolo do destino!

A "JORNALISTA" QUER PARTICIPAR E MANDA DOIS GRITOS

A luta, hoje, pela volta do estado de Direito, anistia, fim do arrocho salarial, carestia e por livre manifestação e organização é a luta da grande maioria dos brasileiros. Uns de uma forma bastante consciente, outros muitos, ainda, manipulados pelo obscurantismo das promessas de um milagre brasileiro.

O último número do REPORTER constatou essa validade. É cada vez mais hora de lutar, de gritar pelo o que vemos e do qual não queremos, não gostamos.

Eu também sou "jornalista" (ainda não me formei), não trabalho em órgão da imprensa alternativa por falta de oportunidade, de dinheiro ou quem sabe até, de coragem. Mas eu também sei que essa insegurança que nós sentimos é fruto do regime de insegurança que nós vivemos. Ao abrir suas manchetes para esse fato, REPORTER propõe uma alternativa de vida para os brasileiros. Isto é, propõe uma forma unida de luta, e luta, e luta contra o abuso da nossa realidade.

Mete bronca, rapaziada. Eu apoio e quero participar. Mando (ou envio?) dois gritos meus. Se ecoarem até aí, publique-os. Senão, não tem importância. Outros gritos certamente virão. E virão muito mais fortes, porque uníssonos. (Verônica Garcia Cobas, Rio de Janeiro, RJ)

1

Hoje, olhar aturdido e uma freqüente incerteza, proeza de ser existente, de existir doente, de doer como gente. Sem, sequer presente, tornar-se ausente, e então, acuado, pelo sopro contrário, maleável e fluido dispersante e radical, à bandeira, na mão, no braço, plebeu como o céu plebeu como o seu. Universal bastão, de mão à mão, unindo bocas, unindo línguas, unindo gritos, foscos, rotos, roucos, mas sempre mas sempre paz sempre mas sempre mais loucos do que poucos.

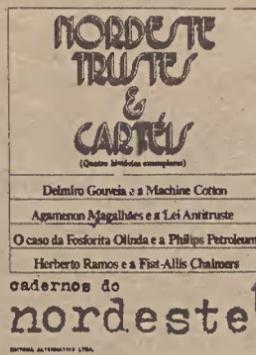
2

Fustigando atrazes, violar presentes, romper cartazes, lavar as caras, sedentas fedentas. Suar, suar bastante e escalar correntes, descolar raízes, arrancando e aterrando, padrões padrões. Rastejando fogos, aquecer distâncias, decepar alicerçando, o monte humano, mofado fadado escrachado catado jogado tão falado... e brotando, quão somente, calado.

OFERTA:
16%
DE DESCONTO



arte popular e dominação
O caso de Pernambuco (1961-1977)
Abre um amplo debate sobre o que se fez com a arte popular em Pernambuco: do Movimento de Cultura Popular, durante a administração Miguel Arraes, até o Movimento Armorial, nos dias de hoje. 108 pgs. Cr\$ 85,00.



Os "Cadernos do Nordeste" têm por objetivo abordar temas e questões que venham a contribuir para o estudo da realidade nordestina. Já saíram os dois primeiros números. 44 pgs assinatura de quatro números Cr\$ 100,00.



O PODER DE FREI DAMIANO

Um lançamento

ALTERNATIVA

Cr\$

~~185~~
per CR\$

155

Fazendo uma assinatura dos "Cadernos do Nordeste" mais o livro "Arte Popular e Dominação" você tem um desconto de Cr\$ 30,00 (16%). Peça diretamente a editora, enviando cheque ou vale postal a favor da Editora Alternativa Ltda. — Caixa Postal 1.539 — 50.000 — Recife —

DESPACHO LEGAL

1

VÍTIMA DE
DESPACHO,
JORNAL APELA
PARA O ASTRAL

2

IMPrensa VIVE
PROTEGIDA
POR XANGÔ

3

TUDO PARA
ACABAR COM O
FEITIÇO E
MAU-OLHADO

4

JAIR DE OGUM
DÁ A RECEITA,
ACREDITANDO NA
"CORRENTE"

REPORTER — Babalorixá Jair de Ogum, o que é um despacho?

JAIR — É um ritual que tem por finalidade, primeiramente, tirar ou desfazer outro despacho. Existem pessoas que fazem despachos para prejudicar, fazer o mal, o que já é uma outra história...

REPORTER — De quem e para quem se dirige um despacho?

JAIR — O despacho parte de pessoas que estão necessitadas e se destina às entidades espirituais ou, mais precisamente, a Exu. Importante notar que existem vários tipos de despachos — um para cada situação. Por exemplo: para doenças, para olho-grande, para azar na vida, para demanda.

REPORTER — Como a pessoa deve proceder quando



Para seu governo, um despacho é isso.

REPORTER

UM JORNAL DE CORPO FECHADO

está sendo alvo de um despacho?

JAIR — Nesses casos a minha orientação é no sentido de fazer um outro despacho para desfazer o primeiro. Se o autor do despacho for conhecido fica mais fácil, basta botar o nome dele e pedir proteção.

REPORTER — Quem é autoridade para receber ou interpretar um despacho?

JAIR — O despacho é endereçado apenas a uma entidade. Exu. Se alguém falar em despacho para outra entidade está errado. Despacho só se faz para Exu, que é uma entidade que trabalha em plano inferior ao Orixá, mas que não deixa de ser respeitado, de ter sua força. O despacho de hoje, por exemplo, foi endereçado a Exu Tiriri.

REPORTER — Como saber



Jair: "Eu não faço despacho para o mal."

se um despacho foi bem recebido pelas entidades?

JAIR — No final do despacho a confirmação é feita com uma cebola (que a nossa nação chama de lobassa) e então se confirma se os Exus receberam ou não as obrigações. No caso de hoje, graças a Ogum, os exus receberam porque na confirmação as partes da lobassa caíram para cima. Tudo depende também do cliente levar a sério, depois da obrigação, um certo período de resguardo.

REPORTER — Um despacho pode "fechar o corpo" de alguém?

JAIR — Não. O despacho existe para abrir caminho, tirar o feitiço ou para ajudar as pessoas. Agora, existe o ritual para fechar o corpo, mas não é um ritual exposto e nem se dirige a Exu. Mas na hora em que a pessoa faz um despacho ela está automaticamente, fechando o corpo, adquirindo proteção.

REPORTER — Você já foi procurado por alguma personalidade com a intenção de realizar um despacho?

JAIR — Muitas vezes. Minha casa é frequentada por diversas personalidades da vida pública brasileira, artistas, políticos etc.

REPORTER — Você já despachou com algum ministro de Estado?

JAIR — Não, com ministro nunca despachei.

REPORTER — Um despacho pode proteger pessoas, por exemplo, da censura?

— Claro. É abrir caminhos, dar proteção, consertar aquilo que está errado. Xangô é a entidade protetora da imprensa porque a lenda diz que ela era a única entidade que sabia ler e escrever. Mas o despacho, mesmo nesse caso, se dirige sempre a Exu, que é a entidade que pode eliminar o mau agouro, a praga, enfim.

REPORTER — Ficar perturbado com a ação da censura seria um fricote?

JAIR — Não. No caso de vocês é diferente. Vocês vieram a mim pedindo a proteção contra a censura. Então não é fricote, não. A sorte de vocês, agora, está nas mãos do Exu Tiriri.